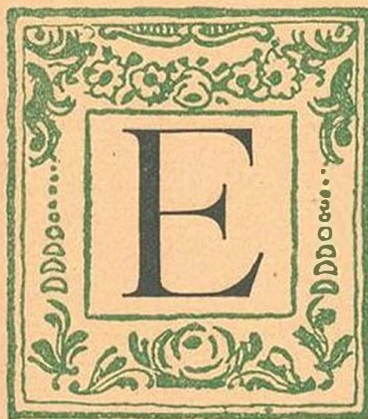
CONTEMPORANEA

3.ª SERIE
N.º 1

BREVE COMENTÁRIO À POLÍTICA ÍBERO AMERICANA

STAMOS assistindo á formação de um bloco de nações, das pequenas nações que têm desempenhado na resistência contra o panamericanismo, contra a estendida teoria de Monroë, uma eficacissima oposição civilizadora. Mantem-se assim inabsorviveis pela América do Norte as qualidades estruturais dos povos do Centro e do Sul, temperando os benefícios da formidavel realização yankee com as condições naturais dos povos ibéricos, e, conseguindo resistir na lingua, nas tradições, nas tendências espirituais, no vigor, na expressão política, presta-se um altissimo serviço á evolução da humanidade (1).

Esse serviço, que é o maior título de glória da ocupação portuguesa e espanhola das Américas e que freqüentemente se aponta, nos países do Norte, como um traço de inferioridade das regiões iberizadas ou latinas, é o problema fundamental dum civilizador, pois só o é aquele que, ocupando pela primeira vez terras de nivel humano inferior, emprega todos os seus esforços no sentido de transformar o indígena, para poder um dia coloca-lo no mesmo plano com as mais prósperas nações.

Na verdade, quando no século de quinhentos se revelou ao mundo o mundo novo, eram as riquezas naturais do vastissimo continente representadas em toda a sua extensão pelos minérios, dos quais o ouro tomava o primeiro lugar; pelos índios, seus autóctones; pelos búfalos, ao norte, e pelos cavalos, ao sul. Correram os tempos, e hoje outro é o aspecto natural do território colombino.

Ao norte, estabeleceu-se a hegemonia dos povos de origem nórdica e ai se atingiu, com a chamada civilização americana, o maior progresso das sciências mecânicas e o correlativo confôrto social. Mas, das riquezas naturais primitivas, temos as minas de ouro esvasiadas, os búfalos reduzidos a raros exemplares de zoocultura e de parques de recreio, e o elemento humano indígena, extenuado e perseguido de tal sorte, que o próprio govêrno se viu obrigado a reservar-lhe territórios onde, tal como nos viveiros de animais, se con-

servam por curiosidade histórica, quási por especulação, algumas famílias que vivem da exibição dos seus costumes selváticos e primitivos.

Em contraste impressionante, ao sul, em todas as regiões em que se exerceu a hegemonia ibérica, encontram-se ainda fartas riquezas minerais, já alvo da cobiça imperialista do norte, fez-se do cavalo a opulenta fortuna dos pampas, e civilizou-se, de facto, o indígena, não só perfilhando os mestiços, como educando, tratando e elevando os naturais, no mesmo grau da civilização dos conquistadores. E assim, onde uns, por transacção comercial, adquiriram soberania, fizeram extermínio e estacionaram a evolução dos sobreviventes, por luxuosa demonstração scientífica e amarga ironia, os outros, com a luta nobre e sentido superior, educaram, protegeram e levantaram até às mais altas funções públicas os habitantes americanos que encontraram na era das descobertas (2).

Este mesmo facto é considerado pelos homens do norte como desprezível e inferior, porque, no seu indestrutível e cego preconceito de raça, confundem a alta evolução da humanidade com o prolongado domínio do seu etnos.

E confundindo o progresso mecânico e o bem estar da riqueza e da simplicidade das suas modelares instituições sociais, com os benefícios da civilização profunda e realmente progressiva, olham com desprêzo para os povos do sul, não aceitam como prova de vigor colectivo e de efervescencia natural as suas lutas políticas, riem-se soberanamente dos seus homens de estado, dos seus generais revolucionários, e apontam com desdem os mestiços, como que querendo higiénicamente afastar-se do contágio de tal sugidade.

Por um dogma muito particular, feito à sombra da proposição de Monroë, vão intervindo, vão-se insinuando, tanto quanto o bom senso o permite e tánto quanto a atenção dos homens do Sul, prêsa pelos problemas internos, lho consente; não perdendo uma oportunidade para provar o seu belo e generoso conceito: *a América para os americanos, sim, mas para os americanos do Norte.*

Recordo aqui a série de factos concretos, da história diplomática, coordenados por Eduardo Prado, que constituiu o escandaloso volume apreendido pelas autoridades brasileiras, a instigação dos agentes yankees, em duas horas, nos primeiros tempos após a queda do Império (3).

Dizia eu, que assistimos à formação de um bloco de pequenas nações americanas, tendo à sua frente vigorosas e jovens potências, como o Brasil e a Argentina, e constituído sob o patronato *de facto* espanhol e *honoris causa* português. Os destinos dêsse bloco na política internacional estão bem marcados. A sua acção civilizadora, que apontei, é o melhor testemunho histórico da força formidavel e indómita que o impele.

O mesmo papel nos está reservado, aos portugueses, e se vai cumprindo, no continente negro, em oposição às tentativas de hegemonia total da parte dos dominadores de origem nórdica (4).

O bloco iberoamericano não é, pois, como vulgarmente se supõe, uma força sentimental. E' um agregado político que está realizando uma obra de saneamento humano, uma barreira étnica que se contrapõe a uma corrente étnica, e há-de ser, mercê da evolução natural dentro da qual se constroem todos os esforços superiores, uma realidade política com todas as características intrínsecas e extrínsecas das fortes correntes da civilização.

A qualidade privativa do homem públiço está em prever a sucessão dos acontecimentos, pelo estudo da história e dos elementos de que dispõe. Com tal intuito se vem realizando esta obra de homens públicos que é a obra da política iberoamericana, exagerada no cartaz do paniberismo, e justamente concebida, em medidas concretas, pelo orientador prudente, que tem sabido ser, a Espanha (5).

Mas outro facto nos compele para a defesa comum, logo para a aliança: a cobiça que se agita sôbre os nossos domínios territoriais, portugueses e sul-americanos, e a interferencia, que se deseja, nos nossos negócios de estado. Escolho, entre os muitos factos conhecidos, um que, nem por menos vulgarizado deixa de ser típico.

Em 1911, publicou-se na Alemanha um livro que foi, por assim dizer, o código do pangermanismo, livro que teve ampla tiragem e que apregoou, em várias línguas, as ambições e necessidades do povo alemão — *por uma Alemanha Maior* (6). Dêle recorto os seguintes períodos:

«Na América Meridional e Central encontra-se um grande número de Estados livres, nos quais o homem é tudo, menos livre. Na costa ocidental e no sul, reina a língua espanhola; a este, o português. Estes Estados constituiram-se no começo do século passado, quando da decadência das possessões espanholas e portuguesas, porque já então êstes dois povos se tinham mostrado incapazes de governar um país de além-mar. Mas daí não resultou nenhum bem para os seus habitantes, porque nem êles próprios estão em estado de se governar. De resto, a situação destes países raramente foi peor do que é hoje. Um déspota procura suplantar outro; daí revoluções contínuas e guerras sangrentas, que não aproveitam senão a um parvenu ávido de glória e de riquezas, e devoram o bem-estar dum povo oprimido e mantido na ignorância. O fim destes soberanos não é olhar pelo bem do povo, mas premir o país para dele tirarem o maior número de milhões possível, milhões que colocam em seguro no estrangeiro, aguardando a banca rôta que se seguirá infalìvelmente, mais tarde ou mais cedo. Este estado de coisas lembra muito a Asia Menor turca e a Mesopotâmia».

«A América Central e Meridional contrasta com a América Setentrional anglo-saxónia. Nesta, os indígenas quási que desapareceram, ao passo que naquelas os índios são em tão grande número que os brancos desaparecem quási na sua massa. No Paraguái e no Perú, por exemplo, não constituem êstes mais do que 14 °/₀ da população. No Equador, esta percentagem desce a 7 e na Colómbia, mesmo a 6. O resto da população compõe-se, aproximadamente e em proporção egual, de mestiços e de gente de côr, índios ou negros. Não é, portanto, nada de espantoso que o caracter geral do povo deixe enormemente a desejar, pois que alia o espírito comtemplativo, e a repugnância pelo trabalho, dos latinos à velhacaria e crueldade dos índios da América do Sul......»

«Os espanhois e os portugueses não possuem, na realidade, senão as regiões costeiras e alguns vales fluviais. Dada a fertilidade da terra, é muito para desejar, no interesse da civilização, que esta vasta região seja colocada sob a direcção económica dum povo europeu enérgico. Os brancos indígenas desaparecerão completamente, se a corrente de imigração tomar, durante cincoenta ânos sòmente, a importância daquela que se dirigiu para os Estados Unidos, durante o século XIX».

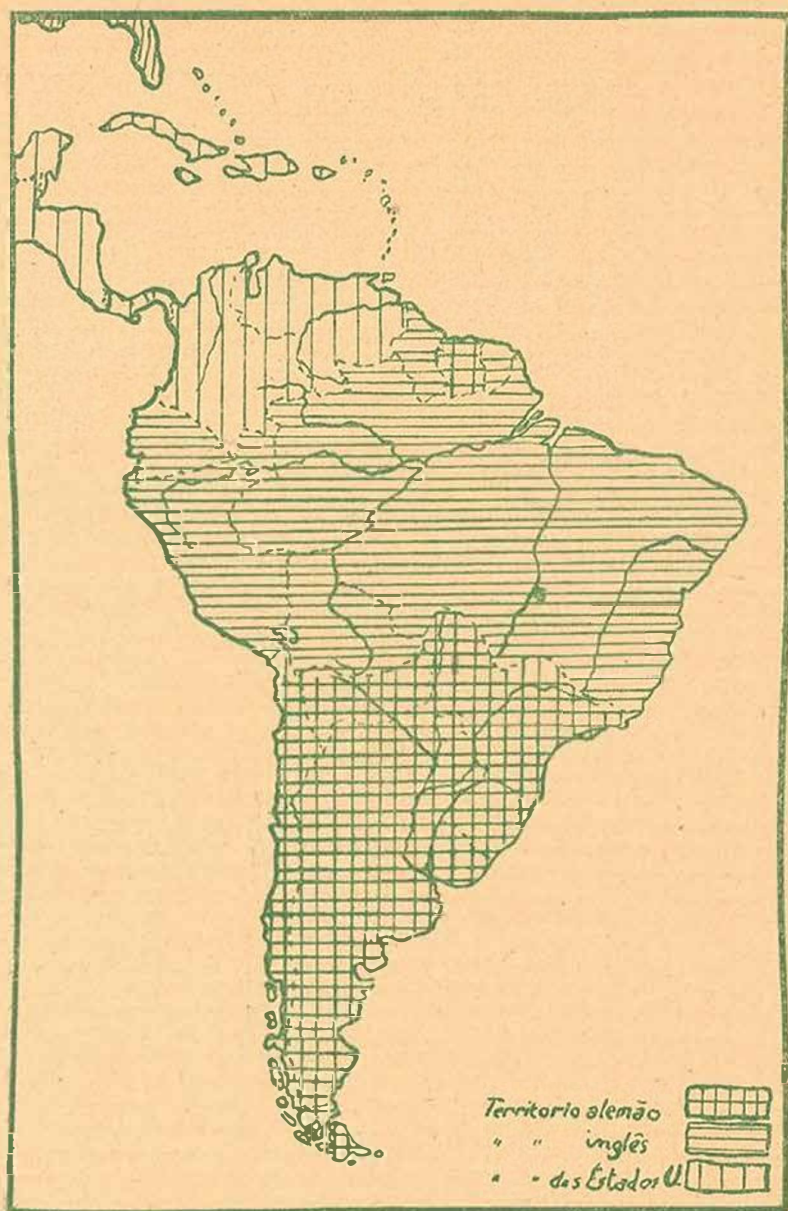
«Os estabelecimentos alemães do Brasíl meridional e do Uruguái formam a única clareira nêsse quadro sombrio da civilização sul americana. Aí residem 500:000 alemães, e é de esperar que pela reorganização da América do Sul, quando os povos mestiços de Indios e de Latinos tenham desaparecido, a imensa bacia do Prata, com as costas que a ela se ligam pelo oeste, pelo este e pelo sul, se torne território alemão. Os Alemães estabelecidos nas florestas do Brasil meridional têm todos — como os Boers do Sul da Africa — em média de doze a quinze filhos, de modo que, por este acréscimo natural, está já assegurada a região. Nestas condições, não é um verdadeiro milagre que o povo alemão não tenha, já há muito, decidido apossar-se deste território?......»

«Na India não há um quarto de milhão de Ingleses, e êles governam um império de 300 milhões de habitantes. Não há um milhão de Ingleses em toda a Africa do Sul, e êles não descansaram emquanto não foi destruida a independência dos Estados boers.....»

«Não falei dos acontecimentos da Africa do Sul senão para concluir — pensando no nosso futuro na América do Sul — que para a população das repúblicas herdeiras dos Espanhois e dos Portugueses, será abençoada a queda em poder dos Alemães.....»

«O problema de hoje, para a Alemanha, é passar de potência europeia a potência mundial...... A politica sentimental é uma tolice. Sonhos humanitários, estupidez. A partilha de benefícios deve começar pelos compatriotas. A justiça e a injustiça são noções que apenas se tornam necessárias na vida civil. O povo alemão tem sempre razão, porque é o povo alemão e porque conta 87 milhões de nacionais, etc., etc....»

São estas considerações acompanhadas dum mapa, que representa para o autor a *América do Sul em 1950*, que aqui reproduzo.

Territorio alemão
" " inglês
" " dos Estados U.

Este delírio patriótico não é só loucura que a guerra tenha curado. Os factos em que êle assenta são dignos de atenção e subsistem. Substitua-se, a ância de domínio soberano, por penetração; adapte-se, a exaltação bélica do autor às boas maneiras da Alemanha vencida; considere-se que, ainda hoje, como então, para os alemães, *«o problema é passar de potência europeia a potência mundial»*, depois de resolvida a crise interna; note-se a popularidade que têm entre os governantes do mundo a teoria dos povos inferiores, dos déspotas, dos mestiços, do contemplativismo latino, e todas as outras de que se colhe no texto alemão copiosa prova; atenda-se, principalmente, à prolificação alemã depois da guerra e à forma porque se conduzem os seus emigrantes e os seus emigrados — e medir-se-á o perigo actual e o valor do aviso que constituiu a «weltpolitik», de que transcrevi um autorizado documento. De um lado, as inevitaveis necessidades de expansão territorial alemã, cada vez mais vivas e mais urgentes, que revestem neste momento uma importância gravíssima e que noutro lugar amplamente tratarei; do outro, as colónias livres da Alemanha no território ibérico da Africa e da América, colónias que não são constituídas apenas por trabalhadores braçais, pois que estes vão sempre acompanhados de investigadores e técnicos, mais ou menos disfarçados; os quais não raro publicam monografias de suas especialidades, sabendo sempre tornar bem cabida a prova de que a administração dos legítimos soberanos não satisfaz os interesses da Humanidade, nem os dos próprios povos, que prefeririam a governação alemã (7).

E' certo que não se referiu o autor alemão àquela degenerescencia etnográfica caracterizada por Desmoulins, segundo a qual, ao passo que o emigrante anglo-saxão se mantem inteiramente ligado à mãe-patria, o teutão se deixa absorver pelo meio em que se estabelece e passa, ao cabo de duas ou três gerações, a não ter com a Europa sequer ligações tradicionais. Mas esta degenerescência não impede a actividade política daqueles que ainda estão presos à terra que lhes foi berço, nem a orientação superior da política do Reich.

Tiremos dêsse estudo perfeitíssimo a vaga consolação de que onde não puderam aqueles que mais podiam, os imperialistas norte-americanos, não poderão os outros, os imperialistas germânicos. Sem esquecer contudo que as ameaças são constantes e recentes — já em plena paz — e que é de conseqùências inevitaveis e agitadas a expansão alemã, tão natural e imperiosa como as cheias dum rio, cujas aguas progressivamente crescem. Lembremo-nos sobretudo de que tais ambições foram tidas como realidades indiscutíveis para os meados do século que corre.

Por duas razões fundamentais a política internacional dos povos ibéricos tem de girar sobre um eixo comum: primeiro, porque assim o exige a marcha natural da civilização; segundo, porque a isso urgentemente a compele a situação política creada com a guerra, as ambições vitais dos outros povos, a mudança a que assistimos das hegemonias do mundo contemporâneo.

Não adormeçamos com os cânticos embaladores da paz romântica, entoados em mal disfarçado tom bélico. Não confiemos exclusivamente na novíssima e admiravel orientação da Comunidade das Nações, sobretudo emquanto aí não pesarmos como bloco uno; temos de há pouco mais de dez anos, a prova de quanto valem as disposições benemerentes dos povos e dos seus agentes.

Por toda a parte se vive, dentro dos moldes calmos da boa harmonia, a agitação convulsiva do desespero e do rancor. Ajudemos com uma das mãos a paz universal e guardemos com a outra todos os elementos seguros da defesa individual. Só assim teremos aberto e franco o nosso legítimo caminho.

A política internacional portuguesa tem de enveredar decididamente por êste campo. Só os simples de espírito, ignorantes das realidades, e inconscientes da fôrça orgânica que constitui a nossa nacionalidade, levantam em volta do iberoamericanismo uma atmosfera de tôlas suspeições. O perigo não está em aceitar essa corrente, mas justamente em nos

alhearmos dela, não tomando aquela posição directriz, que pela razão histórica, pela influência natural e pela posição económica que nos dão as colónias, ninguém nos contesta, mas que não mostrámos ainda querer ocupar (8).

Em Espanha, onde há serviços perfeitos de organização cultural, pôs-se logo o problema no lugar próprio: secundou-se a iniciativa particular, promovendo-se a manifestação iberoamericana que se há-de realizar na capital andaluza em 1927, e com ela se criou um instituto de orientação mental, o *Colegio Mayor Hispano-Americano de Sevilla.*

Paralelamente, em Portugal, não se passa de inútil retórica. Artigos empolados de jornal, frases vasias de homens públicos, só servem para sufocar a atividade honesta e a visão clara dos estudiosos. O caminho das realizações concretas é outro (9).

Pretendi, com este breve comentário, realçar características eminentes do problema dominante da política internacional iberoamericana. Para lugar mais próprio reservo soluções práticas, esperançado em que delas se aperceba o público, por actos que não por palavras (10). O reaparecimento da *Contemporanea,* e a orientação que vai seguir, já é obra digna de consideração, sendo oportuno lembrar que foi ela quem encetou, no campo das letras, e por forma ponderavel, a apresentação, lado a lado, dos intelectuais do mundo ibérico.

CELESTINO SOARES

NOTA PRIMEIRA

Cf. NORTON DE MATOS, *Discurso* proferido no banquete que lhe foi oferecido, em Lisboa, no Palácio do Município, na noute de 24 de Novembro de 1922. O General Norton de Matos, ao tempo em que proferiu este notavel discurso, era Alto Comissário em Angola e, dada a sua posição durante a guerra, a sua actual situação de Embaixador de Portugal em Londres e a sua sempre ponderada e documentada opinião, constitui o seu parecer um testemunho imprescindivel.

NOTA SEGUNDA

O meu amigo Sr. Don MARIANO J. LORENTE, espanhol de nascimento e argentino de educação, que reside na cidade de Swampscott, perto de Boston, Estado de Massachussets, e que tem ilustrado o seu nome com a tradução para inglês de várias obras primas da literatura portuguêsa e espanhola, entre elas, algumas das «Novelas Ejemplares», de Cervantes, e «Canaan», de Graça Aranha, realisou na Biblioteca Pública da cidade de Lynn, do mesmo Estado, uma notavel conferência subordinada ao titulo *Who are the south americans ?*

Aí, versando sobretudo o caracter de imperialismo comercial dos Estados Unidos e as condições em que se desenvolveu a ocupação das Américas, deu particular relêvo a êste mesmo aspecto flagrantissimo.

NOTA TERCEIRA

A intervenção, de que constitui impressionante libelo o livro de EDUARDO PRADO, *A ilusão americana,* não cessou no último quartel do século XIX, nem neste que vai correndo. Antes, tendo-se acentuado, com o aumento dos recursos norte-americanos e com a sua posição na política mundial, o seu imperialismo económico, aquilo que não passava, por vezes, de intriga local ou de negócios de chancelaria, veiu a ser uma base politica fundamental. São de todos os dias as provas, que vão desde a obrigatoriedade do ensino da língua castelhana, nas "high schools", até aos grandes emprêstimos e tutelas impostas a povos da América Espanhola.

NOTA QUARTA

Cf. NORTON DE MATOS, op. cit.

NOTA QUINTA

Nos princípios de 22, num artigo em *El Defensor,* de Huelva, artigo transcrito depois na revista parisiense *L'Italie Illustrée* e na *Ora Nuova,* de Roma, o Dr. COELHO DE CARVALHO, então Cônsul de Portugal em Huelva, preconizou a necessidade imediata da formação do bloco iberoamericano. Aqui tomou origem a feição de política internacional que teve a Festa da Raça, dêsse ano de 22, em Huelva.

Até então, duas correntes distintas e independentes de coligação entre os povos de origem peninsular se tinham acentuado, com caracter, por vezes, oficial: de um lado, a política hispano-americana, do outro, a luso-brasileira.

Nesta última, para só me referir à metrópole portuguesa, marcaram lugar brilhante o Dr. JOÃO DE BARROS, que, nos doze volumes da *Atlantida,* da sua direcção, defendeu com entusiasmo e persistência as suas doutrinas, Carlos MALHEIRO DIAS, com aquele luzimento que dá a todos os problemas de que se ocupa, fundando no Brasil um semanário, e a Senhora Dona Ana de CASTRO OSORIO, com a sua valiosa obra escolar e de propaganda.

Fazendo aqui a devida referência a essa dedicada actividade, devo notar que iberoamericanismo, tal como êle se deve compreeder e em relação ao qual estou escrevendo, não é um corpo de doutrinas com finalidade política revolucionária ou subversiva, nem colide nem diminúi tão admiráveis esforços. E' precisamente o mesmo

movimento de afinidades reais e prolongamento de raça, transposto para a política geral e integrado na história geral da civilização. Não há portanto lugar para precedências, nem condições: a colaboração brasileira está ao lado da portuguesa, no mesmo plano, naturalmente e tão imprescindível, como a da América castelhana ao acompanhar a Espanha.

São provadas estas afirmações com o iberoamericanismo de pessoas como o Dr. Bettencourt Rodrigues, o Dr. Alberto de Oliveira, nosso Ministro na Haia e antigo Ministro em Buenos Aires, o Dr. Vergueiro Steidel, professor da Faculdade de Direito e Presidente da Liga Nacionalista de S. Paulo, os Drs. Noé de Azevedo e Cintra do Prado, advogados paulistas, com a publicação da *Novíssima*, e, fundamentalmente, com a doutrina iberoamericanista de La Rábida, dentro da qual se orienta, desde 22, o movimento.

Foi essa doutrina aprovada por aclamação, fazendo-a sua a Sociedad Colombina Onubense de La Rábida, na Assembleia Solene, celebrada no Palácio da Excelentíssima Deputação Provincial, de Huelva, em 14 de Outubro desse ano.

A SOCIEDAD COLOMBINA ONUBENSE, de que é Presidente Don José MARCHENA COLOMBO, e Vice-Presidente, Don MANUEL SIUROT, da Junta Organizadora do Colégio Mayor, foi fundada para o Culto de Colombo e defesa dos lugares santos do Descobridor, tendo pela autoridade da sua posição e categoria, com a Festa da Raça de 22, chamado a si a orientação superior da formação política iberoamericanista. E' seu orgão a revista mensal *La Rábida*, que vai no 12.º ano de publicação.

Seguem os três artigos da doutrina:

I — O ideal iberoamericano traduz o anseio da alma, dos povos de língua castelhana e portuguesa, de promover as suas prosperidades dentro de um sistema de solidariedade que respeite e proteja as suas respectivas soberanias políticas e que ajude o seu desenvolvimento em todos os sentidos, pelo auxílio mútuo para o seu progresso scientífico, artístico, literário, industrial e comercial, para que se perpetue na História a comunidade de interesses morais e materiais que existem desde o seu aparecimento na vida da civilização.

II — Os homens e os povos capacitados da defesa dêsse ideal, são os que falam as línguas castelhana e portuguesa, sem limite de fronteiras geográficas e sem que a êle se oponham, nem o meio, nem a distância, nem a diversidade de regimes políticos que cada um dêsses povos queira adoptar.

III — Dentro de tal diversidade de sistemas e de meios, os povos e os homens compreendidos na finalidade desta doutrina propõem-se multiplicar os laços de amisade e fraternidade entre si, associando-se aqueles, por meio de tratados internacionais, pelos quais: desenvolvam a sua cultura e as suas riquezas naturais, fomentem as suas indústrias, protejam os direitos da propriedade intelectual, em todos os ramos da cultura humana, dando todas as garantias e segurança ao génio inventivo dos elementos que compõem o bloco iberoamericano. Tudo de modo que, insensível e progressivamente, sem invadir a jurisdição das respectivas soberanias, se chegue a uma Confederação de Estados soberanos que, autonomamente regidos, assegurem a estabilidade das suas instituições e a dos seus govêrnos legalmente constituídos, proporcionando a paz no seu mais amplo conceito, repelindo intervenções e agressões estranhas; e aperte, de mais em mais, a solidariedade de interesses da Raça; garanta a segurança absoluta das vidas e bens dos estrangeiros que nos ditos países se encontrem e leve ao selo das mais nações que os contemplam, o crédito e a confiança necessárias para figurarem, por direito próprio, no concerto das nações livres e verdadeiramente soberanas.

Ainda a propósito das relações culturais luso-brasileiras devo citar a creação da cadeira de estudos camoneanos na Faculdade de Letras de Lisboa, devida à iniciativa do ilustre brasileiro, Dr. AFRANIO PEIXOTO, e à benemerência do nosso compatriota Zeferino Rebêlo de OLIVEIRA; as obras intelectuais sustentadas pela nossa colónia livre, como a *História da Colonização*, a *Liga Propulsora da Instrução em Portugal*, de cuja Directoria Executiva em S. Paulo é Presidente o português Sr. António Pereira INACIO, o legado com que se fundou o *Instituto de Bento da Rocha Cabral*, e finalmente o extraordinário empreendimento dos estudantes de Coimbra e de Lisboa, que enviaram ao Brasil, êste ano, uma *Tuna* e um *Orfeão*, que foram acolhidos com entusiasmo e cujo sentido de aproximação intelectual foi brilhantemente marcado por oradores académicos como GOMES DE ALMEIDA e BRITO ARANHA

NOTA SEXTA

Cf. Otto Richard TANNENBERG, *Gross-Deutschland.*

NOTA SETIMA

AO fazer esta afirmação tenho em meu poder mais de uma obra de autores alemães, algumas acompanhadas de rigorosos mapas, e todas publicadas depois da grande guerra, sôbre investigações realizadas na Provincia de Angola, particularmente na zona de saida da Damaralândia.

NOTA OITAVA

EM outubro de 1922, por ocasião da Festa da Raça, em Huelva, S. Ex.ª o Sr. Don Manuel BURGOS Y MAZO, antigo ministro de la Governación e uma grande mentalidade espanhola, em uma moção dirigida ao Govêrno do seu país, pediu a creação de uma Universidade Iberoamericana.

Em 12 de Outubro de 1923, instituiu-se em Buenos Aires a *Unión Hispano-Américo-Oceánica*, que foi imediatamente reconhecida pelos Governos de Espanha, Argentina, México, Honduras, Paraguái, São Salvador, Colómbia, Costa Rica, Perú e Cuba.

A União tem por fim, resumidamente, a constituição de um poderoso bloco internacional, pela concor-

dância da pol tica exterior dos povos in'eressados, e pela promulgação de medidas internas de interesse comum, como equivalência de gráus escolares, propriedade literária, art'stica e industrial, construção de uma linha de caminho de ferro que una todas as repúblicas espanholas, unificação do serviço de correios, e creação de um Tribunal da União, árbitro supremo dos povos unidos. Tem particular interesse para nós o

> Art. 2.° — Bajo la aceptación de todo lo que antecede y por justicia histórica, se admite en la Unión al Brasil y Portugal, bajo la denominación «Unión Ibérica» a la Hispano-Américo-Oceánica.

que prova uma atenção mais uma vez prestada, com justiça, apesar da nossa obstinada abstracção.

Refiro-me á U. H. A. O., principalmente pelas seguintes afirmações, feitas em 1924, pela comissão dirigente, e que se ajustam perfeitamente ás observações que faço:

> Pero no puede admitir (a União) la ficción, ni los muertos, ni puede catalogar en su índice a «Don Juan sin tierra», representados hoy en el «Panamericanismo» y el «Latinismo». El primero es una *mistificación excéntrica* que lleva la desunión por calumnia o prepotencia, con la agravante de la violencia; y deben saber que, los triunfos de la violencia, son muy efímeros y jamás son seculares. Los triunfos de la razón, son triunfos del espíritu y son perdurables. El segundo, el «Latinismo», ese «Don Juan sin tierra». ¿ Donde está su pueblo? ¿En qué punto del mundo impera? Etc.

E' certo que a distinção, que acima se faz, entre latinismo — movimento artificialíssimo sem nenhum significado político actual, e sem nenhumas condições de futuro, e iberoamericanismo, é profunda e maior do que aquela que neste frágil argumento se contém. Mas pretendi, com a transcrição do passo, confirmar as minhas asserções, quanto ao panamericanismo. O outro problema não vem para aqui.

> «Al impulso del propósito de intercambiar cultura, renovándola y contrastándola, nació la idea de crear en España una institución del mayor valor pedagógico, en que se congregasen Profesores y estudiantes de los pueblos que, por el lazo del común idioma expresivo de mentalidades hermanas, desarrollasen una labor que el mundo entero estimará como completa y bien definida expresión del pensamiento hispano.»
>
> «Estos estudios han de tener carácter profesional y utilitario, constituyendo el Colegio um Centro que recoja los progresos scientificos en todos los ramos que en él se estudien, en relación con los problemas que más interesan a España y América, y un laboratorio permanente de trabajos, de investigaciones y estadísticas, de tal modo, que a él acuden en demanda de datos y enseñanzas para cuanto pueda estudiarse o llevarse a cabo en relaciód con el intercambio hispanoamericano, el interés de las naciones adheridas y el progreso de la Humanidad.

Estas palavras transcrevi do *Real Decreto creando el Colegio Mayor Hispano-Americano de Sevilla*, dado em Barcelona em 17 de Maio de 1924.

As atividades corporativas dos estudantes são orientadas e coordenadas por outra instituição: a *Federación Universitaria Hispanoamericana*. Fundada em 29 de Março de 1922, saída da fusão da Asociación Hispanoamericana de Auxílios e do Ateneo de Estudiantes Hispanoamericanos, com fins, respectivamente, económicos e culturais, só em 1924 se instalou efectivamente a Federação, no edifício da Universidade Central, em Madrid.

Tem a Federação por fim: a) trabalhar pela realização do ideal hispanoamericano e pela defesa e propaganda da cultura hispanoamericana no mundo; b) fortalecer, entre os associados, o ideal hispanoamericano e cultivar entre êles vínculos duradouros de solidariedade; c) contribuir para o benefício moral e material dos seus associados.

Estão representadas na Federação as diversas associações académicas madrilenas.

A Sociedade das Nações e a Federação Internacional Universitária Pró-Sociedade das Nações mantém com ela relações permanentes.

Para as Federações Universitárias da América Espanhola foi expedida uma circular solicitando a adesão, nela se expondo os fins sociais que nestes períodos se resumem:

> Dentro da máxima liberdade — que não exclui a coadjuvação de espíritos tão preclaros como Altamira, Carracido, Araquistain, Américo Castro, Adolfo Posada, etc. —, a nossa atividade gira em volta de um ideal que reputamos sagrado e que tem a sua expressão mais simples nestas palavras: *Pela unidade dos povos da nossa Raça*. Crêmos que essa unidade se encontra afirmando a nossa personalidade, a nossa fisionomia espiritual de povos. E isto afastando-nos de toda a influência yankee — que se tem de combater decididamente — e aproximando-nos, sem servilismos, de tudo que seja ibérico, hispânico, cujo sincero e justo conhecimento julgamos fecundo e proveitoso para todos os povos da nossa Raça e para a Humanidade.

Do programa mínimo da Federação destaco

> Finalidade última: Trabalhar, com vista numa humanidade melhor, pela Liga Internacional dos povos hispânicos, na qual todos os membros tenham iguais direitos.

Note-se a clareza das afirmações, e compare-se a atenção oficial que lhe tem sido dispensada em Espanha e em Portugal!

O Governo Espanhol contribui anualmente com Pst. 5000 para o orçamento da Federação, e, por decreto de 16 de Setembro de 1924, isentou de pagamento dos direitos, para obtenção dos diplomas de licenciados e doutores, os estudantes naturais de qualquer das Repúblicas hispanoamericanas que acompanhem os cursos de alguma das Universidades do Reino.

Para o corrente mês se anuncia o aparecimento de uma revista, orgão da Federação, escrita em espanhol e português, sob o título de *Pátria Grande*.

O seu Presidente, o Sr. CESAR A. NAVEDA, equatoriano, visitou no verão passado as universidades portuguesas, e disse em Coimbra uma conferência, de que resultou a creação de uma secção de estudos americanos, na Associação Académica.

NOTA NONA

SERIA inútil ressalvar aqui os nomes do Dr. COELHO DE CARVALHO, já citado, e do Dr. BETENCOURT RODRIGUES, ambos diplomatas, e ambos pertencentes à melhor aristocracia mental portuguesa.

O primeiro, antigo Presidente da Academia das Sciências de Lisboa, antigo Reitor da Universidade de Coimbra e diplomata de carreira, foi quem, como referi, impulsionou num sentido ibérico e de política internacional, aquela corrente que só se manifestara como uma tendência de solidariedade hispanoamericana.

O segundo, que foi nosso Ministro em Paris, prosseguindo nessa orientação e estudando particularmente o problema luso-brasileiro (cf. *A Confederação Luso-Brasileira*) tem posto um pouco de ordem, com a sua autorizada opinião, na celeuma iberoamericanista, tendo já anunciado um livro *Portugal, Brasil e o Iberoamericanismo*. Numa entrevista publicada no *Século*, de Lisboa, em 9 de Setembro último, sob o título de *O significado que terá perante a política internacional o grande certame de Sevilha*, o Dr. Betencourt Rodrigues trata de aspectos delicados do movimento iberoamericanista e, referindo a cobiça estrangeira sôbre Angola, dá vulto ao perigo económico que ela representa para os países que, como o Brasil, a Argentina e o Uruguai, têm uma produção análoga e interesses estratégicos no Atlântico Sul, idênticos aos nossos.

A posição económica destas regiões inter-tropicais serviu de base às negociações de um tratado de comércio com o Brasil e tem originado curiosos estudos, em Portugal e no Brasil, que são bem conhecidos; a cada passo se refere o que tem publicado o antigo Ministro das Finanças e dos Negócios Estrangeiros e Director do Instituto Superior do Comércio, de Lisboa, Sr. Francisco António CORREIA.

Num artigo do *Século*, de 17 de Dezembro de 1924, *Relações culturais com a Espanha*, o Dr. Artur de OLIVEIRA RAMOS deu um balanço á actividade intercultural na península, que toma este caracter de corrente de aproximação intelectual com a visita de um grupo de licenciados em letras, doutorandos da Universidade Central de Madrid, ás Universidades de Lisboa e Coimbra, na primavera de 1921, sob a direcção do Professor Don ELIAS TORMO, Decano da Faculdade de Filosofia e Letras de Madrid, então vice-presidente do Senado Espanhol e actual vogal da Junta Organizadora do Colegio Mayor. Em Janeiro desse mesmo ano, como Presidente da Associação dos Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tive a honra de propôr a creação, nessa Faculdade, de um Instituto de Estudos Espanhois e de outro de Estudos Brasileiros. Tendo-se interessado por esta proposta o Sr. Don Elias Tormo, acordou-se que simultâneamente se instalasse na Faculdade madrilena um Instituto de Estudos Portugueses. Com efeito, obtive o assentimento do Ministro da Instrução, Dr. Júlio MARTINS, que com grande diligência acompanhou a ideia e manifestou o desejo de publicar as bases oficiais dessas agremiações. Por sua vez, o Sr. Don Elias Tormo, em interpelação dirigida ao Ministro da Instrução do seu país, no Senado, em 22 de Abril desse mesmo ano, propôs a comunicação permanente da Biblioteca Pública de Lisboa com a Biblioteca Pública de Madrid, a creação do referido Instituto e a inserção, nos programas universitários espanhois, daquelas matérias que constituam documentação da actividade portuguesa, relacionada com a cultura espanhola. Abordou tambem S. Ex.ª a elevação a Embaixada da legação de Espanha em Lisboa, certamente com base na reciprocidade. Os acidentes da vida política interna, portuguesa e espanhola, paralizaram estas diligências, que são absolutamente oportunas e chegam a ser urgentes. Depois dessa visita de 1921, vários grupos de estudantes e professores portugueses e espanhois tem visitado os centros universitários de Espanha e de Portugal. Merecem tambem referência especial os fundadores da SOCIEDADE DOS AMIGOS DE PORTUGAL, particularmente S. Ex.ª o Senhor CONDE DE ROMANONES e o Senhor MARQUEZ DE QUINTANAR, o dedicado lusófilo que é o Sr. Don José Rodriguez CARRACIDO, ilustre Professor e Reitor da Universidade Central, e o Professor Don Frederico CASTEJÓN, da Faculdade de Direito da Universidade de Sevilha, que acompanhou ao nosso país, em 1923, os seus alunos e a organização de uma *Semana portuguesa*, em Madrid, por ocasião da visita da *Tuna Académica de Lisboa* em 1923, devida á orientação do então seu Presidente, o Dr. MARCELLO MATHIAS.

NOTA DECIMA

O *Colegio Mayor* e a *Federación Universitaria* são, com a *Colombina Onubense*, os mentores e agentes efectivos da inteligente política iberoamericana.

Para o próximo ano se prepara um Congresso Iberoamericano, que estabeleça a doutrina definitiva desta política. Deve-se êste congresso à seguinte proposta, aprovada em sessão plenária do comité, tendo-se resolvido inaugurar o Congresso no ano de 1926, no dia da Raça, e que a Sociedade Colombina Onubense, conjuntamente com a Comissão Permanente da Exposição, seja a organizadora do Congresso.

El modesto vocal que suscribe se atreve a proponer al pleno del Comité:

Que siendo el iberoamericanismo toda una política, cree llegado el momento de que lo confirme y para ello entiende y lo expone con respeto que debe acordarse en el otoño del año 26, coincidiendo con la Fiesta de la Raza, de un Congreso Iberoamericano, al que se invitarán las grandes mentalidades de la misma, con el fin de que sintetizen y definan el ideal iberoamericano, unifiquen el movimiento actual del mismo y establezcan las bases de una cordial inteligencia y se llegue hasta la unión en lo futuro, si fuera posible de los pueblos que nacieron en Iberia.

Tres sessiones de este congreso, los más solemnes han de celebrarse en La Rábida, la Catedral y el Archivo de Indias, siendo lo propuesto: que se designe una comision especial y que se proceda immediatamente á la organizacion del Congreso; la Sociedad Colombina Onubense aportará la doctrina Iberoamericana

de la Rábida y los temas que le sirvieron de estudio para la misma y algunas ponencias de pensadores americanos y portugueses entendiéndo-se que esta aportación no tiene más alcance que el de facilitar antecedentes.

Este Congreso será como el pórtico de la Exposición, como el alma de la misma y el gran vocero que despierte en las almas el sentimiento ancestral y en los espíritus la divina inquietud que acelera los latidos de los corazones y lanza el pensamiento á la región creadora de nuevas formas en la cultura universal.

Sus sesiones las escuchan millones de ombres atentos a la onda sonora de la radiotelefonia que irá extendiendo por los aires la voz de la Raza, y en el pensamiento iberoamericano en los dias del Congreso, vivirá de España y con España, que puede, debe y quiere seguir, siendo la madre espiritual de los pueblos que nacieron de su carne y de sus nervios.

A estas razones éticas hay que añadir la de que Sevilla desde ese instante empezará a ser la Roma del Iberoamericanismo y Huelva, con la Rábida y el Puerto de Palos, su tierra santa.

Esta proposición fué expuesta, por el que suscribe, al ilustre vocal Don Manuel Siurot, vicepresidente de la Sociedad Colombina Onubense, que la aceptó.

Huelva para Sevilla, cinco de Abril de mil novecientos veinte cinco.

José MARCHENA COLOMBO.

Dentro do iberoamericanismo, saido da doutrina de La Rábida, temos por parte da Espanha: uma política hispano-americana, concretizada e permanentemente fortalecida por todos os meios, até pela comunhão mental; um certame internacional, para 1927, a Exposição de Sevilha; um instituto de alta cultura, o Colegio Mayor; uma associação de estudantes, a Federación Universitária; um congresso, para 26, no qual se estabeleça a doutrina iberoamericanista definitiva. O que tudo revela método, inteligência, finalidade política de superior interesse para a civilização e soluções práticas do interessante problema.

Da parte de Portugal temos: uma política luso-brasileira de torna-viagem, que não conseguiu sequer um tratado de comércio; uma universidade tradicional, e duas outras gémeas e mal parecidas, que não estão coordenadas em qualquer sentido — se é que se dizem ordenadas; o alheamento completo daquela política superior, o desinteresse da incompetência pela realidade. E sistematizada e concreta, só a actividade isolada dêste grupo que a *Contemporânea* representa.

Institutos similares àqueles se tem de crear em Portugal, sem o que iberoamericanismo não passará de hispanoamericanismo — o que equivale a não contribuirmos para o significado que nêste comentário pretendi destacar.

Dois
Sonetos Inéditos de
CAMILLO PESSANHA

SAN GABRIEL

I

Inutil! Calmaria. Já colheram
As velas. As bandeiras socegaram,
Que tão altas nos topes tremularam,
— Gaivotas que a voar desfaleceram.

Pararam de remar! Emmudeceram!
(Velhos rítmos que as ondas embalaram)
Que cilada que os ventos nos armaram!
A que foi que tão longe nos trouxeram?

San Gabriel, arcanjo tutelar,
Vem outra vez abençoar o mar,
Vem-nos guiar sobre a planicie azul.

Vem-nos levar á conquista final
Da luz, do Bem, doce clarão irreal.
Olhai! Parece o Cruzeiro do Sul!

II

Vem conduzir as naus as caravelas,
Outra vez, pela noite, na ardentia,
Avivada das quilhas. Dir-se-ia
Irmos arando em um montão de estrelas.

Outra vez vamos! Côncavas as velas,
Cuja brancura, rútila de dia,
O luar dulcifica. Feeria
Do luar não mais deixes de envolvê-las!

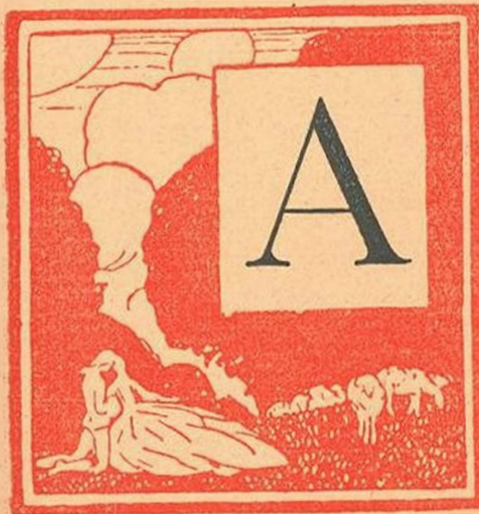
Vem guiar-nos, Arcanjo, á nebulosa
Que do alem vapóra, luminosa,
E á noite lactescendo, onde, quietas,

Fulgem as velhas almas namoradas...
— Almas tristes, severas, resignadas,
De guerreiros, de santos, de poetas.

A UNIÃO IBERO AMERICANA

Tendencias e Necessidades Sociologicas

I

"A lei da evolução humana"

A evolução humana, no passado e no futuro, e o papel que tem sido e ha de ser desempenhado pelas gentes da Iberia, constituem o thema que me seduz, empolga, e assoberba.

Não posso conceber que todos os povos da terra provenham de um só casal ou tronco, como ensina a tradição biblica do monogenismo. Seria demasiado contradictorio á natureza, se houvesse dado á progenie humana um unico manancial.

Ella, que nos cumulou de tantas graças, que tanto nos avantajou às demais especies, não podia em principio ter sido tão avara para comnosco que nos desse apenas os dois avós do paraiso, quando tão prodiga se mostra por toda a parte, onde aos myriades são os germens de vida.

Muito mais logica é a hypothese polygenista, como a formula Gumplovicz. Para este sociologo a humanidade, nos seus primeiros dias, era constituida por bandos infinitos que vagavam sobre a superficie terrestre. Esses grupos humanos eram completamente heterogeneos, nada se assemelhando o individuo de uma tribu com os da vizinha. Mas o contacto entre elles era fatal.

Povos nomadas, mudando de região com o variar das estações, em busca de abrigo e alimento, haviam de chocar uns com os outros.

E sempre que um povo, fixando-se em um territorio determinado, conseguia alguma prosperidade e bem-estar, aparecia logo um bando mais selvagem e guerreiro que se apoderava dos seus materiaes, acumulados pelo labor pacifico da tribu sedentaria.

Esse phenomeno observado ainda hoje entre os povos que vivem em estado primitivo, sujeito ao regimen das «razzias» devastadoras, é tambem o que

a historia descreve, desde os seus primeiros albores até á grande guerra, em que uns povos mais barbaros, mais selvagens, invejosos das nações mais civilisadas, intentáram uma incursão pelo seu territorio, devastando e destruindo tudo.

Gumplowicz descreve minudentemente todas essas peripecias da tragedia humana, Foi assim que os hyksos invadiram o Egypto, que Babylonia foi assaltada pelos assyrios, que a Assyria foi conquistada pelos médas, que por sua vez soffreram o jugo dos persas, que ainda haviam de pilhar as cidades da Grecia; e foi tambem assim que a Grecia foi provincia romana, e que Roma não resistiu á invasão dos barbaros. Nem a China conseguiu, no seu eterno isolamento, escapar á fatalidade de tal sorte: um exercito de mongoes e mandchurios dominaram durante muitos seculos os pacificos habitantes do celeste imperio.

Mas o que é mais interessante é que os conquistadores, ao fim de algum tempo, acabam por ser absorvidos ou dominados pelos povos subjugados.

Assim desapparecem os conquistadores, ficando no paiz um só povo constituido pela fusão dos habitantes primitivos com os invasores.

Nessa luta afinal sempre vence a civilisação mais adeantada. Roma não poude resistir pelas armas á invasão dos barbaros, mas assistiu-lhes á civilisação.

E hoje os barbaros nem na lucta brutal conseguem vencer.

O que eu pretendo demonstrar é que uns povos vão absorvendo outros que se põem em contacto com elles, predominando sempre o de civilisação mais desenvolvida. Antigamente não havia relações pacificas entre as tribus ou nações, de modo que sómente as guerras, pondo-as em contacto, iam fazendo desapparecer os differentes grupos, que ficavam fundidos num só. Hoje esse caldeamento de sangues dispensa o fogo das batalhas. Estabelecem-se correntes espontaneas de emigração e immigração, entre os differentes paizes, e os continentes acham-se estreitamente unidos pelo commercio pacifico. Vae-se operando lentamente a absorção de uns pelos outros; a linguagem, os costumes, as leis, as tradições, as religiões, os sentimentos, os ideaes, emfim todas as manifestações da vida humana vão-se amalgamando, e os grupos heterogeneos começam claramente a se aproximar de um typo commum e homogeneo.

Por isso formulamos, de acôrdo com as theorias de Gumplowicz, a lei da evolução da humanidade de maneira diametralmente opposta á lei da evolução de Herbert Spencer, e em antagonismo com a tradição mónogenista.

Essa lei deve ser assim concebida:

> A humanidade vem de heterogeneos e inumeraveis grupos primitivos, e caminha para um estado de homogeneidade futura pela fusão de todos os povos do planeta.

II

"Luta ou cooperação"

É corrente entre os sociologos dizer-se que a evolução humana só se faz pela luta. E' o que ensinam todos, inclusivé Gumplowicz. O sabio professor de Graz assim se exprime: «Um principio superior, como que o conselho dos deuses, ordena a assimilação das raças umas pelas outras, amalgamando-as todas. Mas, como se fórma esse amalgama prodigioso?

«Unicamente pela luta das raças, luta que se perpetua na guerra e na paz: não ha outro meio! Seria necessario que o homem deixasse de ser homem: que, se possivel, elle se alheiasse da propria natureza, para que espontaneamente pudesse renunciar aos bens supremos que o acompanharam no mundo: o seu sangue, que é o mais nobre dos sangues; a sua lingua, a mais bella de quantas ha; a sua religião, a unica verdadeira; os seus costumes, os mais puros e dignos! Pois, apesar de tudo isso, o amalgama se opera, os elementos heterogeneos e hostis se fundem e confundem: tudo ha de chegar á unidade: assim o quer a natureza.» (*La Lutte des Races*, pag. 258).

Devido ao exagero do darwinismo, hoje se aplica a tudo o qualificativo de luta. Na maior parte dos casos onde se diz «luta» deve-se entender «trabalho», e em muitos se enquadra perfeitamente o conceito de «cooperação».

Para evitar divagações philosophicas sobre a accepção de termo «luta» e seu emprego, nos inumeraveis campos de actividade do pensamento, trataremos do seu emprego exclusivamente no caso do contacto das raças ou dos povos.

Houve luta entre os descobridores hespanhoes e portugueses contra os indigenas do America para os absorver? Parece-me que não. A luta, que infelizmente houve, foi para destruil-os e não para assimilar. E o sangue indigena que entrou para o das nacionalidades, aqui formadas, entrou muito pacifica e naturalmente, pelo extraordinario poder de cruzamento dos iberos.

Houve luta contra a raça africana, que está a desapparecer no continente sul-americano?

Ninguem dirá que sim. Entretanto, nos Estados-Unidos, onde a luta contra o sangue africano é tremenda, a população negra augmenta continuamente: em 1892 existiam cerca de quatorze milhões de pretos; em 1918 já se elevaram a vinte e quatro milhões, e hoje não andará o seu numero longe de trinta milhões.

Tem havido luta, na America do Sul, contra os immigrantes, vindos aos milhões de todas as partes do mundo?

Ao contrario de luta, o que se nota é que o estrangeiro gosa aqui de muito maiores vantagens que o nacional: pois, tendo os mesmos direitos, não se carregam com as obrigações dos serviços e deveres patrioticos, tendo ainda o trabalho dos estrangeiros garantias e protecção, que não se concedem aos nacionaes.

Sem nenhuma luta, as nacionalidades sul-americanas vão absorvendo as massas colossaes de saugue estranho, sem perderem os seus caracteristicos nacionaes, conservando os nossos costumes, as nossas tradições, a nossa lingua, a nossa religião, fasendo nós mesmos as nossas leis, formando os nossos ideaes, elaborando uma civilisação tambem nossa.

Lutaram os portugueses contra os indigenas da Africa para fundarem as colonias, que lá se mostram exuberantes?

A não serem as da epoca camoneana nenhuma outra guerra cantaram os lusitanos, nem regista a historia colonial.

No entanto esse fermento poderoso, que é o sangue portuguez, vae-se espalhando por toda a parte, branqueando, só em Angola e Moçambique, vinte e muitos milhões de negros.

Emquanto esta formação pacifica de uma nacionalidade de caracter lusitano se opera; um pouco ao Sul, os orgulhosos dolicholouros, vindos dos mares do Norte, destroem systematicamente uma nação já constituida e dominam, pela força e pela astucia, os grupos dispersos desse povo heroico, criminosamente desbaratado, e que, mais dia menos dia, ha de sacudir o jugo dos oppressores.

Não é, portanto, a luta o factor mais poderoso de fusão das raças. Não é pela luta, mas pelo crusamento, pela absorpção de sangue, pela assimilação de muitos habitos e sentimentos que se opera a união efficaz das raças ou das nacionalidades.

Ao mesmo tempo que se faz o crusamento, no seio da raça mais numerosa, melhor adaptada ao meio, mais capaz de progredir, vae se operando, por um trabalho biologico natural, a eliminação dos caracteres anthropológicos da raça absorvida. Realisa-se desse modo a lei da regressão ao typo primitivo. Mas essa regressão se faz sem prejuizo para nenhumas das raças e sobretudo sem a menor perda de elementos culturaes, sem prejuizo algum para a civilisação.

As guerras do Imperio levaram as legiões romanas até os confins do mundo antigo. Mas não foi graças á luta que a civilisação romana se espalhou por toda a parte. Favoreceu muito mais a obra civilisadora o comercio estabelecido entre a cidade do Tibre e as mais remotas aldeias da Europa, graças ás magnificas estradas que abriram. Não foram os proconsules mais terriveis, os tyranos mais sequiosos, os arautos da civilisação romana. A Spania, que resistia a tudo, resistiria tambem ás legiões de Cesar, se o conquistador das Gallias não fosse tão habil na estrategia quanto era magnanimo na destribuição de uma justiça, bebida no espirito superior das lei romanas. As aguias romanas afinal só deixariam de tremular aos ventos da victoria, colhidas pelo furacão das avalanches de barbaros. Essas correntes irresistiveis avassalaram a Europa inteira, revolvendo e destruindo tudo: mas do monturo das ruinas havia de brotar o espirito daquella civilisação superior, do fundo dos claustros iria surgindo para a luz alborescente de uma nova civilisação o espirito imortal das leis romanas.

No pugilato tremendo, na tragedia dantesca que tem sido o viver atribulado

desta pobre humanidade, afinal sempre vence o direito. Referve a intriga, o odio campeia, como lava ardente entre os escombros da Europa hodierna, revolvida pelo cataclysmo dessa nova invasão de barbaros. Já desesperam os crentes os mais enthusiastas, os sonhadores de um futuro de paz e concordia entre os homens. Só não pode descrer, só não desanima, nem fraqueja, nem blasphema o que immolou a vida, na ara sagrada da justiça. Esse, visionario ou poeta, sonhador, philosopho, ou o que quer que seja, do topo da historia alarga confiante a vista para o futuro, porque, voltando-a para o passado, em meio do caótico panorama, divisa, sempre a dominal-o, o espirito eterno da justiça. E' ella a soberana do mundo: ella que o ampara nas crises, que o conserva nas convulsões frequentes, que insuffla a vida no caos das catastrophes universaes, que anima as forças creadoras, que congrega as tendencias vitaes, que orienta as forças dispersas; emfim, ella, a suprema «vitrix», tange sobranceira a grei humana para a sua finalidade.

E, dizer justiça é ouvir solidariedade, entender cooperação.

Portanto, o que conserva e faz progredir a humanidade, o que impulsiona a sua evolução é a justiça, a solidariedade, a cooperação.

A «Republica de Platão» a «Politica» de Aristoteles constituem-se pela cooperação. Basta lêr o primeiro topico do livro imortal do philosopho. «Vemos, diz elle, que toda a cidade é uma especie de associação, e que toda a associação se forma em vista de um bem qualquer, porque o homem não faz senão aquillo a que elle aspira como um bem. Todas as associações se propõem, portanto, qualquer vantagem, sobretudo a mais importante de todas, visto que ella visa o bem supremo: uma associação deve se estender a todas as outras associações. E é a este conjunto que se chama cidade ou associação politica».

E foi assim que a cidade grega, nascida da solidariedade, baseada na livre associação, criou aquelle espirito civilisador que ainda domina o mundo.

A historia consagra apenas um fugitivo aceno ás sabias leis de Athenas, e, seguindo a sua norma, vae se deleitar com a narrativa das lutas que deram a Sparta a hegemonia sobre as cidades livres da Grecia, alonga-se com as guerras do Ponto, com a conquista macedónica, canta a epopêa da resistencia aos persas imortalisando os heroes das Termopylas. Compraz-se a sanguinaria chronica com a descripção das peripecias da guerra, e exalta as glorias de Alexandre e de Cesar.

Esquece-se, porém que foram as cidades antigas formadas pela associação que fizeram o explendor das Héllade, maravilhoso incunabulo da civilisação.

Andam todos, que bem conhecem a historia, aturdidos com o estridor das batalhas, e esquecem-se que para um momento de luta são necessarios annos de trabalho pacifico, de associação productiva.

O que admiramos na Grecia antiga não se fez pela guerra, mas pelo trabalho lento, presistente e criador da associação chamada cidade.

As guerras se fizeram porque povos barbaros, guerreiros, cupidos, acostumados á pilhagem, quizeram se apoderar dos beneficios daquella civilisação superior, sahida daquelle cadinho prodigioso, que era a «phratria» ou cidade hellenica.

Tambem o poderio de Roma não lhe veiu das guerras inumeraveis que sustentou na época dos Cesares, mas do trabalho lento e persistente da cidade latina, que levou seculos e seculos a formar a republica romana.

A conclusão que tiramos desta longa explanação é que a evolução humana se faz no sentido da união dos povos, e que essa união se realisa pela cooperação, e não pela luta.

III

"Povos do norte e nações do sul"

A escola social de Le Play, Tourville e Desmoulins, divide a Europa em duas zonas: uma septentrional, habitada por uma raça de homens louros, dolichocephalos, cheios de energia ede iniciativa, imbuidos de um individualismo forte, sendo o sentimento da força, da tenacidade, do methodo e da disciplina uma função da alma desses povos; e uma zona meridional, habitada por uma raça de bracbicephalos, morenos, individuos sem iniciativa, sem caracter individual, objectivistas, sujeitos a todos os influxos do meio ambiente, objectivistas comtempla-

tivos, sendo a moleza e apathia os elementos constituitivos da alma inconsistente desses povos.

O quadro nada tem que nos lisonjeie a nós, que julgamos ser lidimos descendentes dos latinos.

Mas não precisamos de ter o trabalho de contestar os fundamentos da escola, porque a Grande Guerra poz em prova e demonstrou quanto póde o associacionismo latino. Não fosse a vida communicativa das gentes do Sul, a sua facilidade de associação, a sua tendencia collectivista, e a civilisação ocidental estaria agora em situação identica á que ficou, logo após a queda do imperio romano.

A nossa vida objectivista, contemplativa, de individuos que por si nada fazem, como ensina a escola social, que esperam tudo da collectividade omnipotente, essa vida que se espalha, que se mistura com a dos outros individuos, que se diffunde em organismos estranhos, que enfraquece talvez a alma individual pelos sentimentos altruistas, essa vida que é nossa e dos nossos semelhantes, que dividimos com a nossa familia, com os nossos vizinhos, com os nossos concidadãos, com a nossa patria, com as patrias amigas da nossa, essa vida prodigiosa que nos anima e ao mesmo tempo ampara um pouco todos os nossos semelhantes, é a vida cooperativa, a vida solidaria, é a vida associacionista, é a socialisação da vida: foi a vida dos aliados nos dias angustiosos da guerra, e será a vida futura da humanidade, nas quadras mais risonhas do porvir.

E' injusta a critica que têm soffrido as populações do Sul. Para sua glorificação bastava citar o facto de ter sido nas peninsulas do Mediterraneo que se desenvolveu a mais progressiva das civilisações.

Mas a critica ás tendencias socialistas vem de um habito já arreigado em quasi todos os espiritos.

Todos louvam a iniciativa, o egoismo e o orgulho do «selfmade man», porque tudo quanto se tem escripto, em historia ou sociologia, tem um cunho pessoal, visa sempre o individuo; procura-se invariavelmente um personagem qualquer.

E assim o elemento social, o factor cooperacão anda de todos esquecido, e parece que nenhum papel representa na vida dos povos, quando é elle o elemento primordial dessa vida.

Kropotkine, o conhecido agitador, o anarchista famigerado, mas um sabio desconhecido, consagra um livro da mais alta philosophia e do mais profundo saber ao estudo da cooperação no mundo, estudando-a entre as especies animaes e as sociedades humanas. Não ha ninguem, com pretenções a sociologo, que deixe de entoar um hymno á chamada luta pela vida, criada mais pelos discipulos do mestre Darwin, do que por elle mesmo, que nunca a exagerou nem louvou, como a chusma dos darwinistas «snobs.»

E' a observação superficial que leva a esses exageros e conclusões perigosas. O fragôr da luta chega a todos os ouvidos. Ao contrario, a cooperação se realisa latente e silenciosamente, e demanda muita attenção para observal-a, e algum raciocinio para bem medir as suas consequencias. «Entretanto, quem desconhecerá que uma só guerra produz males muito maiores, immediatos e subsequentes, do que o bem produzido em centenas de annos pela acção ininterrupta do principio da cooperação (*L'Entre Aide*, pag. 322).

O estudo da vida interior da cidade grega, da communa medieval, mostram que a cooperação, tal como se praticou no «clan» hellenico, combinada com a larga iniciativa, deixada ao individuo e aos grupos pela aplicação do principio federativo, deu á humanidade as duas épocas mais notaveis da sua historia: a das antigas cidades gregas e a das cidades da Edade Media. Ao contrario a ruina das instituições cooperativas, durante os periodos seguintes da historia, quando o Estado organisou o seu predominio, assignala, nas duas épocas, uma decadencia rapida» (Op. cit. pag. 323).

O factor cooperação, solidariedade, mutualismo, tem um valôr sociologico incomparavelmente superior á acção individual, emsimesmada; o socialismo é para o aglomerado humano uma força de coesão, ao passo que o individualismo tende para a dissolução.

Nos periodos de guerra produz-se uma exaltação notavel do factor individualismo: nessas quadras de barbaria e de pilhagem, pontificam os arautos da

força bruta; e é com soberano desdem que se ouvem as lamurias desses idealistas ingénuos, que nos vêm falar de solidariedade.

E, assim, no futuro, hão de predominar as povos do Sul «de alma feita de moleza, dados á contemplação e á vida objectiva das colectividades entorpecedoras:» esses povos eminentemente socialistas, collectivistas, associacionistas, cooperativos ou communistas, hão de absorver e assimilar o sangue nobre dos dolicholouros do norte, para depois eliminar o egoismo feroz e o orgulho desmedido com que afrontam o mundo, nestes nossos malfadados tempos.

O individualismo extremado é, como o isolamento, uma força negativa no seio das sociedades, impede o seu crescimento, dificulta-lhes o progresso, perturba a corrente vital, que deve cicular livremente pelo organismo inteiro.

Vencerão, portanto, se me permitem empregar aqui esse verbo antipathico, vencerão os povos mais sociaveis do mundo.

IV

"O poder de associação dos iberos"

NÃO é preciso repetir que os povos do sul são os mais sociaveis, dentre os que formam a especie humana. Mas vamos demonstrar que, dentre elles, ha um grupo em que o sentido da associação ou solidariedade é ainda mais desenvolvido. E' o grupo que fala a lingua de Camões e a de Cervantes.—E estes dois nomes representam as qualidades mais sublimadas dessa grey prodigiosa: uma lembra, aos que nos vêm falar em moleza e apathia, os heroes das duas epopeias do oceano, «em perigos e guerras esforçadas mais do que permittia a força humana»; o outro symbolisa o altruismo ardente da raça cavalheirosa e nobre. Ora impavidos, como nos Luziadas, ora sonhadores, como Quixote, vamos pelo mundo dando o exemplo de uma vida que alevanta e afasta a humanidade do materialismo grosseiro da gente egoista lá do Norte.

Constituimos a raça mais altruista e cooperativa que ha, porque somos os povos mais livres do mundo. Não ha cooperação sem liberdade. Um povo que não é livre trabalha para fortificar o poderio de um tirano, ou de uma oligarchia, como o escravo que geme para enfartar o seu senhor; um povo assim não coopera para a grandeza de uma patria, não corporifica uma nação.

Os povos da Iberia sempre deram mostras do mais entranhado amôr á liberdade; já defendendo-a até ao ultimo reducto das suas montanhas, onde alteia a figura homerica de Viriato, a mais sympatica de quantas ha na historia; já reconquistando-a pela absorpção dos conquistadores, como succedeu aos gregos, carthaginezes e romanos; já pela expulsão systematica, como succedeu aos arabes. Numerosas foram as invasões na Peninsula, cujas riquezas foram sempre cobiçadas. Entretanto nenhuma conseguiu subjugar por complecto a energia dos seus povos primitivos, nem roubar-lhes a sua preciosa liberdade, que, soterrada nos primeiros embates, revivia logo mais pujante e sobranceira.

Pode-se dizer que a Spania foi sempre a terra classica da liberdade. Alli prosperaram as livres cidades gregas, qae estabeleceram o comercio entre a gentes da peninsula e o resto do mundo, despertando logo as suas riquezas a cobiça dos povos conquistadores. Depois, sob a dominação romana, ainda floresce a liberdade, que se organiza definitivamente com o regimen municipal, que para sempre ali se radicou, resistindo a todas as mutações da historia.

«A Hespanha, diz Oliveira Martins, foi por todo o sempre uma democracia. Era-o na sua existencia de tribu, foi-o sob o regimen municipal romano. A invasão das instituições germanicas aristocraticas não poude destruir a anterior constituição da Hespanha, nem fundar no seio della o regimen da hereditariedade e das castas, como o fundara no resto da Europa. Este facto social e historico, combinado com o caracter da raça, com a nobreza, o orgulho e a independencia pessoal, fez da Peninsula uma democracia — ora militar, ora eclesiastica, ora monarchica, ora oligarchicamente governada. O fundo, como as rochas igneas, era inabalavel; o resto eram accidentes, como os terrenos superiores, sujeitos ás influencias erosivas das correntes, isto é, ás acções determinadas pela vontade

dos homens.» Completa este pensamento a grande autoridade de Ricardo Severo, dizendo «que esse fundo como as rochas igneas» é hoje o pedestal inabalavel da Republica. Condensa a alma de um povo, por todo o sempre democrata, é a synthese indissoluvel do caracter ethnico, moral e social dessa nacionalidade, cujas origens se confundem com a historia do proprio solo nacional, desde os periodos geologicos do «Quaternario».

Guisot como que pertende tirar aos povos da Peninsula a gloria de serem os unicos onde o regimen municipal garantiu a victoria da liberdade contra todas as dominações. Pertende elle demonstrar, no seu livro sobre as Origens do Governo Representativo, que a vida local das municipalidades ibericas foi supplantada pelo absolutismo da monarchia Wisigothica, pois o «Forum Judicum», codigo de leis, que revogou a legislação anterior, não consagra nenhuma disposição referente á organisação dos municipios.

Mas a autoridade sem par de Savigny, na sua «Historia do Direito Romano na Edade Media», parece mais acceitavel que a de Guisot. Não são as leis que criam as instituições, e nem sempre, por mais prepotentes que sejam, os seus executores conseguem anniquilar os institutos que proscrevem. O direito é uma necessidade social que a lei corporifica, mas que pode existir antes della, e subsistir após ella.

E assim, devemos concordar com Savigny em que, não obstante o absolutismo autocratico do «Forum Judicum», o regimen municipal continuou a existir e a prosperar na Hespanha, á sombra de um outro corpo de leis romano-wisigothicas, que era o «Breviarium Aniani», que data do anno quinhentos e seis.

Demais o proprio Guisot isto reconhece, observando á pagina 397 do citado livro:

«O despotismo dos reis barbaros, por mais cuidadoso que se mostrasse no recolher a herança das maximas romanas, não era nem tão sabio, nem nem tão minucioso como o dos imperadores. Elle deixou subsistirem as curias e seus magistrados, e os pequenos poderes locaes tiveram certamente mais validade e independencia do que sob o imperio. O clero habitando principalmente nas cidades, e ligado á raça romana, tinha interesse em protegel-as visto como era elle que dirigia quasi sempre as municipalidades».

E depois comenta — dizendo que, embora as liberdades antigas não tivessem guarida nas leis escriptas, o que é certo é que estas não modificaram a constituição geral do paiz, e a independencia dos municipios subsistiu apesar de tudo, para mais tarde encontrar a sua consagração nos foraes das cidades.

Terra da democracia, terra da liberdade, a Ibéria foi tambem o berço do parlamentarismo.

Encontra-se no excellente e quasi desconhecido livrinho de Veiga Filho, sobre «O Voto e a Eleição» o seguinte trecho de um discurso de Dias Ferreira no parlamento portuguez:

— «E' com verdadeiro orgulho que eu lembro á camara que nós somos a nação parlamentar mais antiga da Europa. A França reunia pela primeira vez os Estados Geraes compostos das tres ordens do reino, em 1303; e a Inglaterra, a mestra do regimen constitucional, reunia pela primeira vez a camara dos communs em 1265, comquanto a sua magna carta seja de 1215.

Pois nós, pondo de parte as côrtes de Lamego, cuja authenticidade é com justos fundamentos contestada, e recorrendo ás primeiras côrtes em que se publicaram leis geraes, deparamos com as de 1211, que se reuniram em Coimbra no tempo de Affonso II, tendo assim precedido meio seculo á Inglaterra, no estabelecimento do regimen parlamentar.

Eram irregulares as reuniões das nossas côrtes, não estavam bem definidas as suas attribuições, e ainda mais mal definido o eleitorado. Mas á hombridade com que procediam as côrtes correspondia a hombridade com que votavam os eleitores, e vice-versa, como era natural».

Qual o povo que, em plena Edade Média, teria o desassombro do portuguez na escolha dos homens que o haviam de governar? Depois das peripecias dramaticas que envolveram a vida de D. Fernando e Leonor Telles, não quizeram os portuguezes acceitar o governo de principes estranhos: elegeram rei o Mestre de Aviz, o glorioso D. João I, o companheiro de Nun'Alvares, na obra ingente da formação da nacionalidade portugueza, o pae do infante D. Henrique, este genio

soturno, que de Sagres avançava o pensamento sobre o tenebroso mar, na ancia incontida dos descobrimentos, o genio da nacionalidade que, alli, no promontorio, a cavalleiro sobre as vagas, entrevia quiçá a realisação magnifica, que hoje nos enche a nós de orgulho, e a Portugal de glorias.

Nenhum povo soube, com o mesmo afinco que os iberos, defender as suas liberdades, por isso tambem, em parte alguma se observa tão desenvolvido o instincto da cooperação. A communa iberica é a cellula primordial das nacionalidades, que hoje florescem na Europa e na America. Havia no municipio antigo, e ainda ha em muitos de hoje, um regimen de communhão quasi absoluta. A vida das aldeias da Iberia era uma vida toda feita de mutualismo ou cooperação. A terra não andava subjugada como hoje ao despotismo capitalista dos senhores de latifundios: os seus detentores eram camponezes que não a dominavam brutalmente, nem a mercantilisavam, como hoje se faz; acompanhando com amor e ancicdade as searas que della brotavam, como que se identificavam numa união de esforços para a mesma finalidade.

Para o trabalho da terra reuniam-se os camponezes na communa, commungando os seus esforços. Em quantas era commum o arado, commum a nascente, communs os bois, o carro, e os campos onde pasciam os rebanhos? Tambem na Suissa, outro recanto de montanhas, onde se foi acantonar a liberdade, o mesmo phenomeno se deu, e ainda se observa. «No cantão de Vaud, onde os chefes de familia têm o direito de tomar parte nas deliberações dos conselhos communaes electivos, o espirito da communidade é extraordinariamente desenvolvido. Lá pelo fim do inverno, a juventude das aldeias vae passar alguns dias nos bosques, para derribar as arvores que descem pelas escarpas das montanhas ainda nevadas. A madeira de carpinteria e a lenha são depois partilhadas entre as familias, ou vendidas em seu beneficio. Estas excursões são verdadeiras festas de trabalho viril. Nas margens do lago Leman uma parte dos trabalhos de vindima é ainda feito em commum; e, na primavera, se o thermometro ameaça cahir abaixo de zero, antes de levantar o Sol, o vigia chama os habitantes todos, que acendem fogos de palha e formam nuvens artificiaes de fumo para porteger as suas vinhas contra a geada. Em quasi todos os cantões, as communas tem o que se chama «Bürgernutzen:» reunião de alguns cidadãos descendentes ou herdeiros das velhas familias, que possuem em commum um certo numero de vaccas, terras, ou vinhas, cujo producto se partilha entre elles. E ha casos em que a communa aluga terras para depois dividir o producto entre os cidadãos (Kropotkine-*L'Entr-Aide* pag. 258). Por toda a parte, a liberdade anda sempre unida á terra, e ao municipio.

Taine, nas «Origines de la France Contemporaine» descreve, de maneira empolgante, como se implantou o absolutismo, e como se originou o capitalismo, pela apropriação da terra communal pela nobreza e pelo clero, dando logar ao apparecimento da burguezia voraz, á suppressão das cooperações de artes e oficios.

Por isso não erramos dizendo que a Iberia é a terra classica da liberdade, porque d'ahi nunca desappareceu o regimen municipal, que é a base da cooperação entre os homens.

Transplantadas para a America as populações da Peninsula, estas e a progenie que ellas aqui desenvolveram, não se mostraram menos ciosas dos seus direitos.

E' ver como se realisou quasi de improviso, e quasi que ao mesmo tempo, em todos os pontos do continente sul-americano, a independencia das colonias, no momento em que o governo da metrople quiz impor-lhes o peso de um jugo a que se não podiam habituar.

Assim se conservou e desenvolveu, aqui, como na Iberia, o sentimento da liberdade baseado na cooperação do regimen municipal, que ainda lá perdura, e aqui se aperfeiçoou com o systema federativo da America latina e a fórma republicana de todas as nações.

CONCLUSÃO

Feito este longo e fastidioso estudo, posso agora falar da tendencia sociologica e da necessidade da União Ibero-Americana.

Ha uma tendencia sociologica para essa união demonstrada pela conservação, através de todas as vicissitudes, do instincto cooperativo da raça, que mantem, apesar de todos os despotismos dos conquistadores e dos reis, o fogo sagrado da liberdade, abrigado no reducto invencivel do municipio. Essa tendencia manifesta-se no extraordinario poder de assimilação da raça, cujo sangue, diz o Dr. Bettencourt Rodrigues, é como um fermento que se espalha por toda a parte, cruzando com as populações de tòdos os climas e feitios, e imprimindo-lhes os seus nobres caracteres. Essa tendencia se evidencia pela communhão perfeita que se mantém entre todas as nacionalidades, que prosperam pacificamente na America. Quando os super-civilisados povos se esphacelam em tremendas guerras para a conquista de territorios e de mercados, criando entre si inextinguiveis odios e rivalidades, nós damos o exemplo confortador de, no espaço de um seculo, que comprehende toda a nossa vida independente, só uma guerra se ter desencadeado no continente. Mas essa mesma guerra, cuja memoria se vae apagando com mais de meio seculo de pacifico labor e de fecunda amizade, não foi uma guerra de conquista; pode-se dizer que não foi uma guerra de povo a povo, foi antes uma lucta intestina, uma guerra de principios, tendo em vista combater o despotismo de um ditador, e não aniquilar uma nação irmã. Hoje a mais perfeita harmonia reina em todo o continente, e a tendencia sociologica para a communhão a mais perfeita exprime-se por essa admiravel declaração de amor dos sul-americanos: «tudo nos une; nada nos separa».

Mas os mesmos laços, que nos unem, se estendem á mãe patria, á Peninsula onde estão guardadas as nossas mais caras tradições, a essa terra onde o nosso idealismo bebe as mais nobres inspirações. Não é a distancia, que os heroes lusitanos provaram mais uma vez não existir um motivo para separação. «El mar, exclama Alberdi, une los dos mundos, lejos de separarlos».

Nas margens do Mediterraneo formou-se a civilisação latina. A bacia meridional do Atlantico, rodeada pelos povos ibericos da Europa, da Africa e da America, parece destinada á sua conservação e desenvolvimento.

Tudo isso está a indicar a tendencia sociologica para a união. E essa união, de facto, já existe, e reside no instincto da cooperação, nos habitos da vida «communitaria» dos povos ibericos. Resta apenas dar consistencia, e tornar consciente esse movimento instinctivo. Isto ha de em breve se realisar pela «necessidade».

E' necessario que esse movimento se organise, e tome forma consciente a communhão iberica, sob pena de desapparecermos da face da terra.

Demonstrámos que a humanidade marcha para um estado de homogeneidade futura pelo desapparecimento de umas raças, destruidas ou absorvidas por outras.

A raça latina, as populações meridionaes teem diante de si um perigo imminente, que é o imperialismo anglo-saxonico.

E o que é extraordinario é a nossa ingenua confiança n'esses nossos «amigos» do norte.

Lá na Europa, é Portugal, que sabe perfeitamente quem se tem ido aos poucos apossando do seu vasto imperio colonial; aqui, na America, somos nós os ibero-americanos as victimas do mesmo engodo.

Um doutrina politica norte-americana, a celebre doutrina de Monroé, tem sido para nós uma garantia hypothetica contra a Europa, porque nunca nos valeu nos momentos criticos, em que andámos ameaçados, como o demonstra o espirito desassombrado de Ingenieros, num discurso pronunciado ha tempos e no qual proclama a necessidade de uma união latino-americana; entretanto tem servido essa doutrina insidiosa parq justificar as mais desabusadas intervenções e annexações.

Ao lado d'essa politica, o capitalismo imperialista estende, como um polvo, os seus tentaculos dos emprestimos, com os quaes vão opprimindo, e anniquilando a vida das pequenas nacionalidades, que mais cedo ou mais tarde hão de ser completamente absorvidas pelo poder incontestavel do dollar. (Rev. de Filosofia n.° de Novembro).

Assim fica demonstrada a necessidade sociologica da União Ibero-Americana.

A raça iberica, pelo seu poder imcomparavel de assimilação, é capaz de absorver o futuro aos anglo-saxões, fatalmente enfraquecidos pelas guerras contra outras raças, provocadas pelo seu imperialismo economico.

Mas para isso, é preciso que aquelle instincto de cooperação dos iberos se torne consciente, que o amor perenne da liberdade, ante o perigo imminente, nos desperte para a união sagrada.

Só assim poderá a humanidade esperar um futuro mais feliz. (1)

NOÉ D'AZEVEDO
Doutor em sciencias juridicas
e sociaes pela Faculdade
de Direito de S. Paulo (E. U. do Brasil)

(1) Esta conferencia do illustre advogado brasileiro, Dr. Noé de Azevedo, faz parte de uma serie de conferencias realisada em S Paulo, nos mezes de Novembro e Dezembro de 1922, e nas quaes era calorosamente defendida a ideia de uma confederação luso-brasileira, como primeiro passo para a constituição de um grande blóco luso-hispano-americano. As outras conferencias foram as seguintes:

A do erudito e illustre medico e publicista, Dr. Alberto Seabra *(União Ibero-Americana)*, depois incluida n'um livro do mesmo auctor — *«Problemas sul-americanos»* —, e já em parte transcripta por alguns jornaes portuguezes;

a do eminente professor da Faculdade de Direito, de S. Paulo, Dr. Spencer Vampré, sobre approximação ibero-americana *(O que deve o Brasil fazer para completar a sua independencia)*; e, finalmente:

a do Dr. Bettencourt Rodrigues, feita a convite dos estudantes paulistas, sobre *Confederação luso-brasileira.*

Todas estas conferencias, assim como o eloquente discurso em que um outro eminente professor da Faculdade de Direito e presidente da Liga Nacionalista de S. Paulo, Dr. Frederico Steidel, expos as mesmas ideias; e o que, na tradicional festa academica, chamada *festa da chave*, em que os novos bachareis, concluida a formatura, dão o seu adeus de despedida á Faculdade, disse, falando sobre a necessidade de um entendimento entre todos os povos de linguas portugueza e espanhola, o então quintanista de direito e actual promotor de justiça, n'uma das cidades do Estado de S. Paulo, o Dr. Lucio Cintra do Prado, todas essas conferencias e discursos serão integralmente publicadas n'um livro que o Dr. Bettencourt Rodrigues para breve nos annuncia com o titulo — *«Portugal, Brasil e o Ibero-Americanismo»*.

HORA DE SOL

DIA de sol! Manhã de sol! Hora de sol!
Manhã lavada, rútila, estival!
Passam varinas a cheirar a sal...
Dia de sol! Manhã de sol! Hora de sol!

Domingo claro, alegre, cristalino,
como as notas metálicas dum sino,
como um toque estridente de clarim...
O sol entra nas almas
como o hálito quente dum jardim...

Andam pregões suspensos pela rua:
«Seis tostões o salamim,
quem quer azeitonas novas?»
E o eco prolongado continua:

«Quem quer azeitonas novas?»

Electricos ligeiros e amarelos
mordem as calhas...
As rodas são martelos
arrancando faiscas
aos rails que parecem duas riscas
de prata nova sôbre o chão cinzento...

Dáfundo, Lumiar, Brazil-S. Bento...

Cada qual vai atraz do seu destino
atravez do ambiente campesino
que tem Lisboa num domingo assim...

Lá vai galgando aos poucos o Alecrim
um carro a transbordar de gente moça
que tem na pele um rebrilhar de louça.

Dois a dois, de mãos dadas e almas dadas,
vão merendar nas sombras das estradas...
Sendo tão desiguais e tão diversos
cada par é uma rima destes versos.

Dia de sol! Manhã de sol! Hora de sol!
Dorme o Tejo debaixo dum lençol
de espinhaços, de côdeas, e de lascas...

— Oh, leva as folhas, leva as cascas!—

No cais, por entre as barcas,
a chapinhar nas charcas,
andam garotos a molhar os pés...

Lá vai um carro cheio para Algés!

Êles, *os namorados, que eu distingo,*
caras que vejo apenas ao domingo,
vestem os trajos bons, de cerimónia,
arrecadados nas gavetas . . .

Elas *vão procurar nas setinetas,*
o brilho do setim . . .
Nem crème, nem olheiras, nem carmim . .
Em vez do pó de arroz, o pó das ruas . . .
Cabeleiras desfeitas e mãos nuas,
sem luvas, sem aneis e sem verniz,
pobres e simples como Deus as quis . . .
A côr alegre da papoula
e um vago cheiro de cebola
que o perfume barato não disfarça . . .

E atravez a cidade,
que parece bordada a talagarça,
que é feita de retalhos
como os velhos tapetes sem conforto,
— cidade quási linda e quási aborto —
atravez a cidade de Lisboa
em que sôa e ressôa
o mar, o imenso mar,
uma voz anda sempre a declamar,
versos gostosos, frescos, sumarentos . . .
— os frutos são os versos do pomar —

— «Quem quer figos, quem quer almoçar ? —

E desafiando o sol, o vento, as chuvas :

«Ah, uvinhas, quem quer uvas !» —

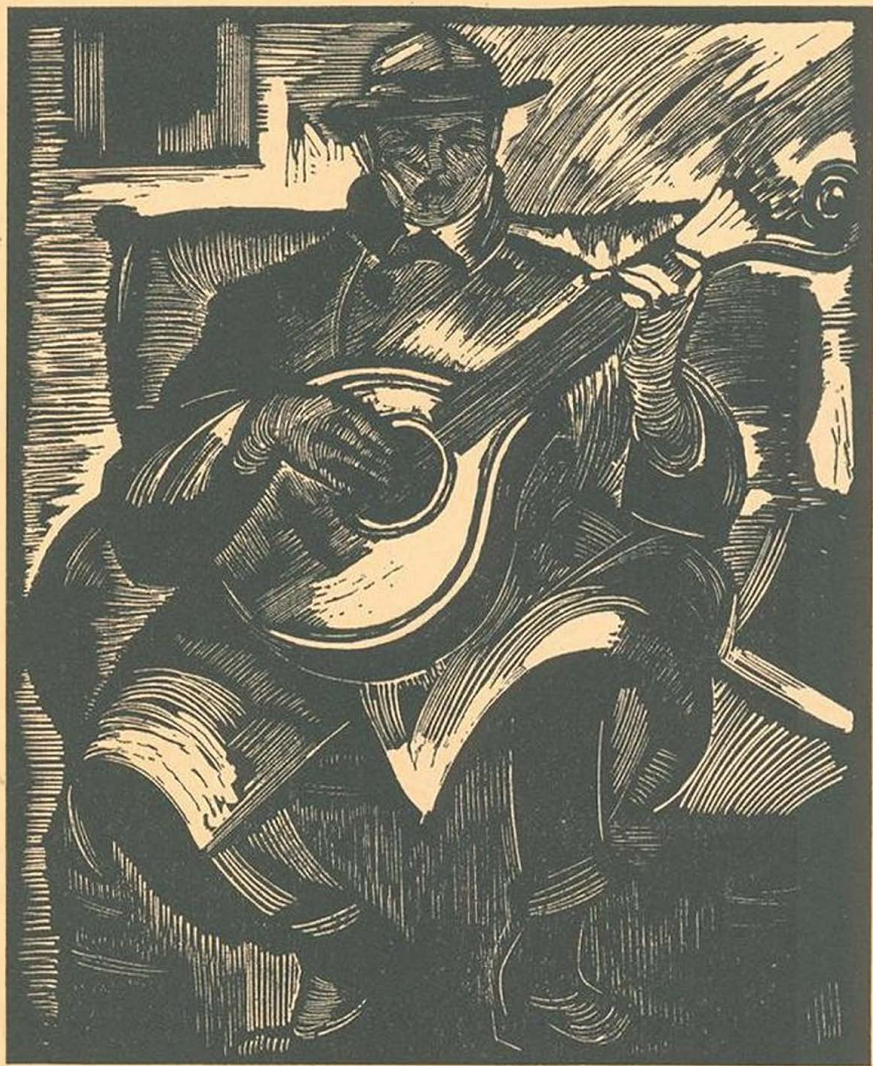
E logo atraz canta o pregão do estilo :

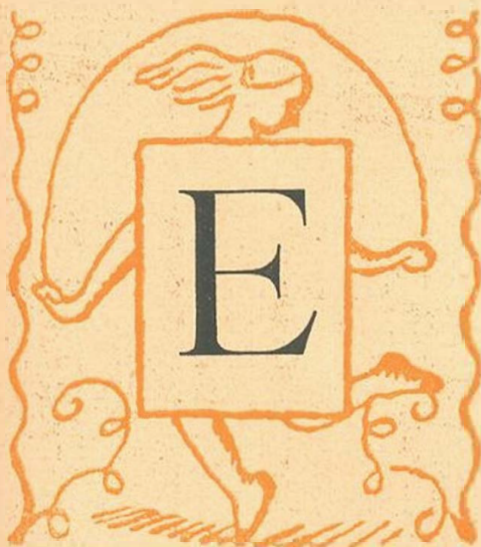
— «Morangos, são de Sintra,
a dez mil reis é o quilo !» —

Ao longe, o mar
tem ciumes, não gosta,
e, num grito salgado,
manda logo a resposta :

— Viva da Costa !»

E êste pregão maritimo é um anzol,
a chamar, a prender toda a cidade . . .
Cada vez é mais clara a claridade !
Dia de sol ! Manhã de sol ! Hora de sol !

FERNANDA DE CASTRO

FRANCISCO FRANCO
Gravura em madeira

EL INFIERNO INOCENTE

L *CLUB* es en realidad un sitio particularmente serio y aburrido. Cualquer señora dotada de rígida moral podría frecuentar, sin temor a sufrir sevicias en su honestidad, el salon de baile, el *Cabaret,* aceptando el convencional galicismo.

Algunos piensan que allí se divierten. Están convencidos. Tanto que, llegada la aurora, com el tedio de la vida ordinaria, les asusta la alegría anterior: se han encanallado, ultrapasaron las fronteras de la decencia. Lo creen de buena fé, inocentemente, porque nadie mas inocente que un calavera de *Club*...

Y la diversión de estos licenciosos ingenuos viene a ser el producto de un error de raciocinio ó de un exceso de optimismo. Cierto que tales son, por excelencia, las formas humanas de la alegria y la diversión.

En el *club,* penetrados de la recíproca confianza de *habitués*, los calaveras se consideran aislados del mundo, fuera de la moral mesócratica, pués este sitio suntuoso y disoluto, medio prohibitivo y reservado, es, por fuerza há de ser, antro de libertinaje y vicio... Al menos, en esta idea se asienta el viejo prestigio de las cosas escandalosas.

El calavera de *club* pertenece a la clase de los fáciles imaginativos. Las noches heréticas, las noches tejidas de horas nefandas en las que la orgía piruetéa, son espejismos, *fatamorganas* generados en su cerebro y en el de

la pasiva esposa que, insomne, revolviendose entre las sábanas, aguarda devorando desesperos celosos, la llegada del libertino impenitente.

Vense en el *club* otros asíduos que se podrían clasificar de mesíanicos del pecado. El mesíanico del pecado no arropa engañadores *fatamorganas* ni tiene esposa que le espere velando en la despreciada alcoba. Es um abulico, un neurastenico insospechado que rumia siempre su melancolía. No abstante estar convencido de la vacuidad del medio, al *club* ocurre todas las noches, alentando la vaga esperanza de que en cualquier momento, de esa vacuidad, surja *algo*, algo que ponga una pincelada de color, una nota amable en su desolada ruta hacia la inexorable. Naúfrago de la Vida, busca en la disipación el madero salvador donde asirse. Y en la continua renovación de esperanzas y desengaños, en alas del alcohol piadoso, — bebe hasta embriagarse, pero su embriaguez es fria, mate, silenciosa, de desesperado, de víctima del desencanto perpétuo, — vé resbalar las horas insípidas de sus dias vacíos...

Junto a los fáciles imaginativos y a los mesíanicos del pecado, hay un elemento sin fisonomía definida, compuesto de viejos seniles, burgueses abotargados, jovenzuélos casi imberbes que exhiben pepulantes monóculos y trajes que recortan sus siluetas apolíneas, que van al *club*, unos a satisfacer las exigencias de su satiríasis intermitente, otros al disfrute de una tarde de placer gratuito; de las noches no les es dables disponer: de mañana, temprano, han de acudir al negociado buróçratico, al banco, a la notaría, al mostrador del establecimento comercial...

Las mujeres de *club* son las hembras mas inofensivas del mundo. Flores agostadas menos por la disipación que por la privaciones, en la generalidad de ellas sangra la huella de um sufrimiento, que no pone interés en ocultar, que lo descubre al menor pretexto.

Mujeres honradas, real ó convencionalmente honradas, llevan en lugures no dictaminados de escandalosos mas hondo el escote, mas exíguo el vestido. Bajo la lumbrada solar, al subir a un tranvía, a un auto, cualquier mujer honrada sabe mostrar con mayor pericia el íntimo encanto de las medias estallantes. Son las mujeres honradas las que nos hacen conocer el poderoso influjo del color de la media sobre la nativa concuspiscencia masculina. La joyosa sinfonía, en el negro sutílisimo, enciende lamparas de lujuria y provoca el ansia de um mordisco; el gris perla, en su misma insidiosa serenidad, determina deseos de abarcar la tremante pantorrilla con los dedos engarfiados; el blanco argentífero produce anhélos de besar la pierna desde el empeine a la liga; el *beige*, de un fúlgido dionisianismo, reta a uma caricia intensa que suba en espiral a lo largo del muslo, porque es

imposible advertir donde termina la seda de la media y comienza el tereiopelo de la carne...

! Pobre mariposa fatigada de *club!* ! Pobre vulgar mujercita que soñó con un hogar, con un marido, con un hijo, y el Destino la condena a vivir en un hostal mas ó menos dorado, es la mujer de todos y el hijo que solicita sus cuidados es el venéreo fatal que corroe sus entrañas! Llenas de buenas intenciones, aspiran a tentar y nos conmueven...

En salones suntuosos, poblados de cabezas adorables, bustos eurítmicos y cuerpos rotundos, mejor desnudados que vestidos por las audacias jarifas de las sedas, un par de ojos femeninos, de lùbrico mirar, posado en otros ojos, una boca vermeja que al chupar un cigarrillo diríase querer succionar otra boca, la malicia de una lengüecita sangrienta que recorre la superficie de los labios sin apartar la vista del caballero que inclinado deshoja un madrigal perverso, una pierna cruzada, que esparce la pantorrilla ofreciendo un delicioso nido de besos, cuatro frivolidades subidas de color procedentes de un elegante *flirt*, aspectos de buen tono, muy siglo XX, obrigados allí donde la aristocracia se congrega ¿no ocurre pensar que muchas de aquellas honradas señoras, de casta prócer y apellido patricio, harían bastante mejor papel en un *cabaret* que las otras, que las pobrecitas flores agostadas menos por la disipacion que por las privaciones?

Entremos en un *club*. El X, por ejemplo. Vetusto aspecto de casa solariega deshabitada ofrece el exterior. Las herméticas ventanas no transpiran uma señal de vida interna. Detrás de uma pequeña puerta en medio de un peristilo encristalado, decorativo Cristobalon dá el reglamentario gorraro. Corto tramo de escalera lleva a un patio cuadrangular estilo árabe, impregnado de la belleza y la frescura de sus azulejos; en e centro, una fontana eleva el cristal tremuluciente de su surtidor; al fondo, ofensivos chorros de luces de una peluquería rompe el suave encanto del patio. Um nuevo tramo de escalera culmina en otro patinillo del mismo estilo, dando acceso al *hall* que, sin los adefesios de unos medallones con cebezas de mujeres pintados, sería sóbrio y elegante. De aqui se pasa al *cabaret*.

Ya estamos en el nefando antro que sugestiona a las lisboetas de morbosa curiosidad y quita el sueño a las madres, á las esposas, a las novias. Es una gran pieza de sobrecargada decoratión, algo *rococó* tal vez; dos estupendas arañas, antiguas de cristal y bronce, serenan el espírituo con la gracia y la esbeltez de sus linéas; al fondo, bajo un escenario colgado de verde, la orquesta toca el inexorable *fox*.

Nada cosmopolita la fisonomía del salon. En una alargada pista de encerado *parquet*, bailan cinco ó seis parejas, rígidas, graves, como en las

veladas dieciochistas, de minuetos y pavanas. En torno, flaqueando el *parquet*, veladores, y ante los veladores, hombres. muchos hombres, serios, hoscos, taciturnos, bebem en silencio limonadas, té ó café... En dos mesas mas apartadas, pequeños grupos esbozam risas y hablan alto; heciendo gala de una gran audacia, llegan hasta el *cap* y aún es posible descubrir algún tímido cáliz de *cointreau* ú un avergonzado vaso de *whisky* Sobre estos grupos recáe la atención, general: si en estos grupitos no hubiera una sospecha de animación ¿que seria del bullicio del *cabaret?*

Las mujeres enfundan modestas *toilettes* de calle; en muchas de ellas puede advertirse la hechura casera, salida de inexpertas manos, de madres quizás... Dificil encontrar um traje de *soirée*. Los trajes de *soirée* no son apropósito para trotar por las calles, y éstas pálidas mariposas de la noche peeadora, a los primeros destellos del alba han de regresar a pié a sus albergues...

¿Cocotas? Aspiran a parecerlo; pero el género no es de factura peninsular. En la Península, en sentido general hablando, no existe esa clase especial, intermedia, que en otras partes se prodiga: es planta exótica de dificil, aclimatación. La mujer peninsular que se pone al margen de los convencionalismos, conviértese, ipso-facto, sin veladores eufemismos, en prostituta. Y tal dominio ejerce sobre ella el ambiente, que fuera de su mundo equívoco no sabe conducirse, aherreojada por el sentimiento ancestral de la diferencia de clases. La prostituta peninsular tiene el grandisimo defecto de ser estúpidamente pasional, de no saber olvidarse del sexo, y asi que un tipo desgrana en su oido propicio cuatro banalidades amorosas, se entrega ciega, total, absolutamente, porque en cualquer hombre crée posible encontrar el amor definitivo, el amor purificador que la restituya al feble rotativismo del vivir vulgar.

? Virtud ó defecto de raza? Eso lo sabrán los psicólogos. Lo cierto, que no resultan nada divertidas. Nos aburren con sus confidencias, que no nos interesan, con sus ternezas, que no solicitamos, con sus celos cursis, que nos irritan. Al *cabaret* se va a buscar el amor ligero, fugaz, de breves horas, no a conocer miserias, tragedias íntimas, que cada cual tiene la suya, y es bastante... Por ligera, y frivola, la cocota verdadera nos entusiasma e interesa; trata de sernos agradables, habla de temas alegres, educuados al sitio; si se embriaga, hácese mas viciosa, mas perversa, mas sugestiva, y ¿hay vino mas triste que el vino de uma prostituta peninsular?

Los ricos artesonados reverberan bajo las luces. Camareros en correcta indumentaria a la moda de 1830, junto á las consolas aguardan los pedidos. Rasísimo descubrir uma botella de champagne, escuchar una carcajada, el barrunto de una discusión, Cervezas, cafés, limonadas, tés, cubren las mesas; serenidad, adustez, hieratismo, el rostro de los asistentes. En el ambiente, sobre la música, sobre al ruido rítmico de los pasos trenzados del *fox*, triunfa la tristeza sensual de la raza, la acuidad que no llega a resolverse en lágrimas que es la saudade portuguesa.

Las tres de la mañana. Numerosas mesas vacias. Pocos hombres Menos mujeres. No hay champagne, no hay alcohol, no hay animación. ¿Donde está el escándalo? A la hora que debe caldearse el medio, a la hora en que el *cabaret* debe ofrecer la ilusión completa del desenfreno, empalidecen las luces, los bailes se espacian y si algún ruido se escucha es el de los cubiertos, manejados por unos pacos que tranquilamente cenan. Regados aquí y allá, vénse dos ó tres mesíanicos del pecado que siguen libando con el desaliento grabado en sus semblantes.

Las cuatro. La orquesta toca la última pieza, un rápido *galop*. Los *habitués* terminan de cenar. Em otras partes a las cuatro, horario fijo, el *cabaret* semeja un ascua, se siente curuscar el fuego por las venas, los gritos unidos al ruido de pitos, carracas y trompetas, enardecen, queman la sangre; las voces son tartajosas, las caras obstentan el arrebol de la desipación, los taponazos de champagne detonan por todos los ángulos. Empiezan las broncas; antes de los cuatro, no vale la pena que ningún calavera que se aprecie golpee a nadie: la bronca de la madrugada tiene una significación extraordinaria...

En el *club* na hay animación, no hay oleadas de alegrías, ninguna mujer se desnuda posesa de la doble borrachera del champagne y el erotismo infiltrado por las drogas heróicas; no hay bofetadas, no hay broncas. A las cuatro, los pocos que alli permanecieron se retiran tranquilos, bostezantes, para volver a la siguiente noche, que harán lo mismo...

Y sin embargo, retornan a sus casas convencidos, altamente convencidos, de su perfecta inmoralidad.

El escándalo es, sin duda, una de nuestras grandes necesidades morales y cada cual lo hace cuando, donde y como puede...

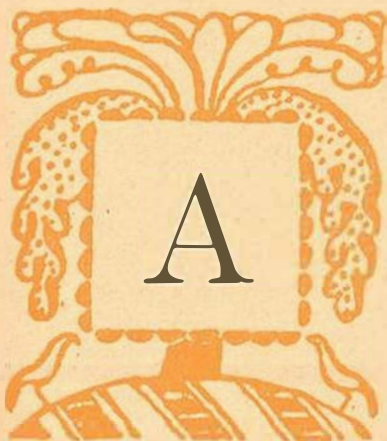
EDUINO DE MORA

Carte-Postale

Vonvon:

Je suis malade, mon cœur faiblit
à cause de toi.
Il ne regrette rien
mais il sait très bien
que son mouvement
de vieille pendule
va finir bientôt
à cause de toi.
Il avance
il recule
il supporte
il porte
mon rêve, mon rêve inutile de Pierrot:
mon abîme, mon drapeau,
neige... côcô
Voilà!
mon cœur portugais
n'est pas toujours gai
Il faut bien qu'il écoute la Marseillaise de tes pas!
Petit à petit
une éspérance grandit...
et sans savoir pourquoi
mon cœur va plus vite
revient plus vite
vite, vite, vite...
à cause de toi.

GIL VAZ

Uma Admiravel Carta Do Senhor José Luciano de Castro para o Par do Reino Joaquim Coelho de Carvalho

Meu caro amigo :

qui recebi a sua carta de 16 que muito estimei por me dar boas noticias suas.

Nós regressámos ha poucos dias da Figueira, onde passámos 15 dias para tomar os banhos e aguas da Amieira. Lá deixámos ainda em casa dos Condes de Monsaraz as nossas filhas, que só esperamos na proxima semana.

Vamos excellentemente. Isto é o meu paraiso. Quasi me esqueço de que ha mundo. Passam os dias uns sobre outros sem dar por isso. Estou socegado. Raro ouço fallar em politica e não me lembro de que terei de voltar ao inferno em que todos os dias hei de ouvir fallar das mesmas pessoas, e quase sempre das mesmas cousas. Aqui vivo: lá duro e funciono por dever e por habito. Nem o meu amigo imagina a vida que aqui passamos. Levantamo-nos às 7 horas, almoçamos às 9, passeiamos, lemos, escrevemos até às 4, em que jantamos, tornamos a passeiar até à noite, conversamos com quem aparece, e às 9 e meia ou 10 horas vamo-nos deitar. Muitas vezes jantamos pelo campo, onde mais nos agrada. Um perfeito idylio!

Como hei-de eu, no meio desta santa e innocente vida, recordar-me da politica, que, felizmente, está confiada a boas mãos.

Creio que tudo vae bem. O paiz diverte-se. Ha festas por toda a parte. O governo parece navegar em mar bonançoso e mal se percebem os gemidos das vitimas do camartelo demolidor alçado nas mãos victoriosas do João Franco, todo absorvido na faina de supprimir e ampliar concelhos e comarcas. Não ha no horisonte a mais leve nuvem, e tal é a tranquilidade e a segurança que o rei vae viajar para se distrahir dos enfados da governança.

Quem sabe se serão elles — os do governo — os que teem razão, e se seremos nós, os myopes, os que não sabemos ler no livro do futuro?

Deixemos fazer a experiencia, — até porque não podemos evita-la, — e depois conversàremos. Temos feito o bastante para nos alliviarmos de responsabilidades. Cedo se verà quem tem razão.

Vamos ter uma regencia de pouco tempo. Salvas as formas, que é de crer sejam mais suaves, presumo que tudo continuará como dantes. A Rainha tem exce-

lentes intenções e muito boa vontade; mas há-de seguir o caminho, que lhe fica traçado, e não se abalançará a mudanças radicaes. Só o poderia fazer d'accordo com o rei e este considera-se bem e feliz. E' de presumir que ela tente levar-nos a renunciar à abstenção, mas nada conseguirá, porque emquanto a lei eleitoral não fôr modificada não podemos mudar de atitude.

Isso não farão de certo os ministros, e portanto continuará tudo como anteriormente.

Fui, ha dias, instado para concordar em que, pelo menos, no districto d'Aveiro fossem eleitos 6 progressistas dos principaes, sem assentimento seu, para procederem como lhes conviesse. Recusei-me a todas as combinações, allegando que não podia deixar de cumprir as resoluções do partido, e que, em conformidade com ellas, faria declarar na imprensa progressista que os eleitos, que não renunciassem os seus logares, seriam considerados desligados do partido para todos os efeitos. Em vista da minha atitude, creio que por parte do governo se abandonou a ideia de eleger progressistas.

Hoje recebi uma carta de Lisboa, fallando-me em aproximações com a coroa por intermedio de um dos ministros, e da Rainha: vou responder que teremos com a regente todas as considerações que lhe devemos, mas nada queremos com os ditadores e que em face da actual lei eleitoral e em quanto ella não fôr alterada, não podemos modificar a nossa atitude. E assim continuaremos á mercê dos acontecimentos. A meu ver o governo está ferido de morte e presumo que não irá longe; mas como as coisas se fazem e desfazem *exclusivamente* no paço, ninguem pode vaticinar com alguma probabilidade o que succederá amanhã. Por mim espero sempre o peior.

Quanto a nós, parece-me que não temos que hesitar. O caminho está traçado, e só temos a seguil-o sem receiar as consequencias.

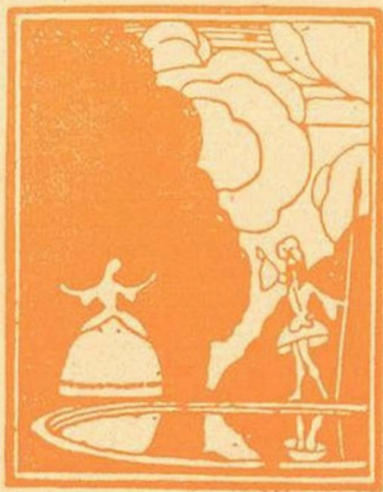
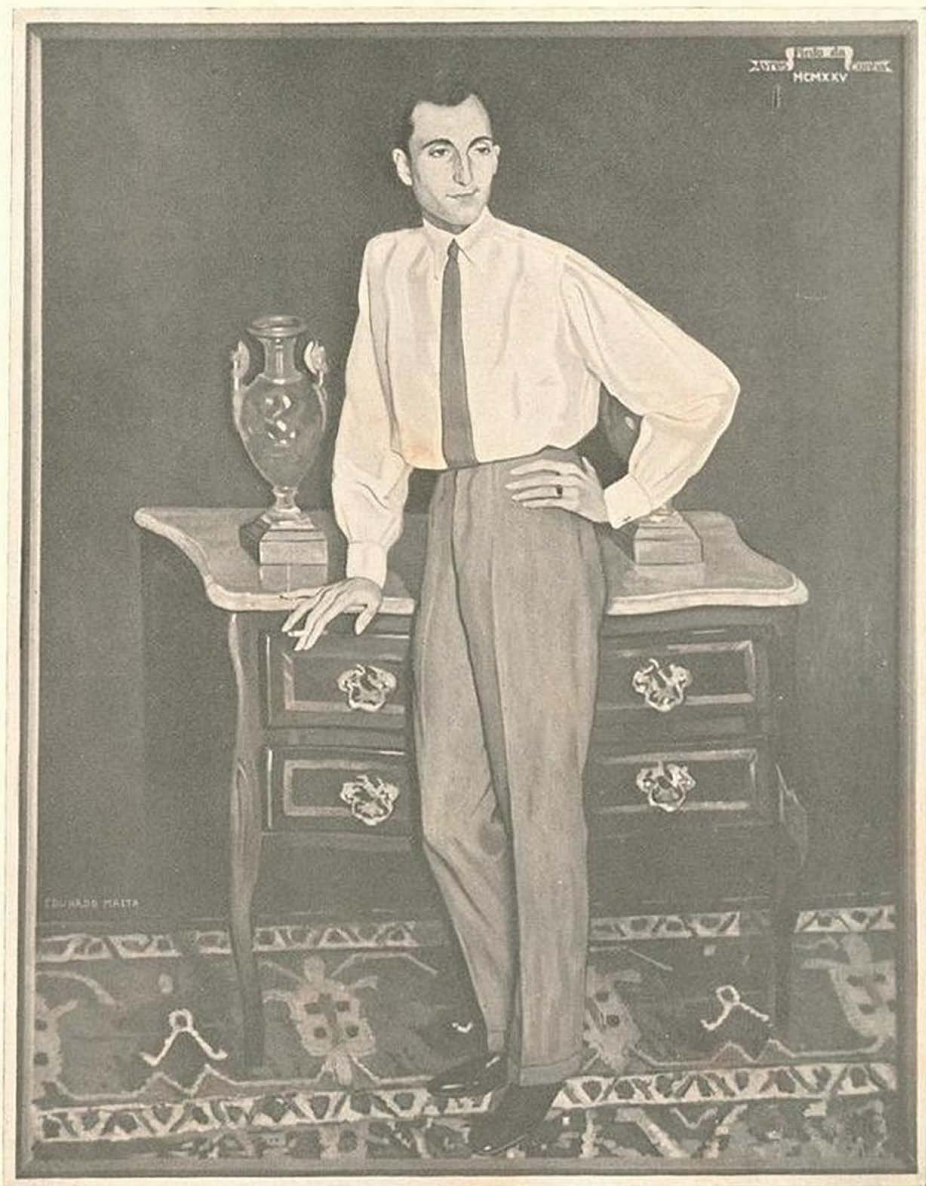
Do Manuel Vaz não tenho sabido ultimamente. Estimarei saber que não vae peior dos seus incommodos.

Por aqui tenciono demorar-me até ao fim de Outubro. As nossas vindimas estão concluidas. Agora cuidamos das outras colheitas e dos outros trababalhos agricolas. O vinho deve ser bom, mas tivemos menos do que no anno passado. Em geral ha menos nesta região.

Adeus, meu amigo, dê-me as suas ordens, e acceite muitos cumprimentos da Maria Emilia.

E creia-me sempre.

Seu amigo certo e obrigado.

Anadia 26-9-95 *José Luciano*

EDUARDO MALTA

Retrato do Ex.mo Sr.
Ayres Valdez Pinto da Cunha

Camillo Pessanha

Ou a poesia da sensibilidade

Quando uma sombra humana atravessa a terra — durante o curto espaço de tempo que se chama a vida — procura deixar a imagem perduravel de tudo o que viu, de tudo o que ouviu e sonhou.

Desta reacção intima, contra a morte e a terrível fuga do tempo, nasce a poesia, criação da imagem viva de tudo quanto a vida e o sonho deram à alma da sombra que vai passar.

Écos de vozes eternas saindo de sombras pereciveis e passageiras!

Assim é em verdade quási tôda a poesia, a mais profundamente humana, a mais repassada de vida e do frio dos infinitos que em lágrimas cai sôbre nós.

Assim é a poesia de Camillo Pessanha.

A sua sensibilidade estranha, imensa, delicada e penetrante, passou pela vida entre as sombras do amor, da amizade, da saudosa lembrança, da amarga nostalgia. Não criou uma nova fôrça humana, uma nova tragédia infinita, criações de que a sua poesia fôsse o éco do entrechocar de lutas e da alegria e do sofrimento profundos.

Passou pela vida com o corpo aberto, o coração de sensibilidade viva exposto a todos os choques do mundo. E para demorar um pouco mais as imagens divinas que o tempo levava, para embalar o seu amor ferido, para se libertar das imagens dolorosas, o poéta começou a cantar. Eis a poesia em toda a sua pureza, em toda a sua abstracção, sem uma unica influência literária, sem um unico fim alheio a si propria.

Se alguma vez houve exemplo de poesia pura esse foi certamente o da poesia de Camillo Pessanha.

De longe em longe a sua alma posta a viver e a sofrer dentro da vida, acumulando tortura, ou amor, ou divina ternura, precisava de se libertar

CAMILLO PESSANHA — desenho de Leal da Câmara

RETRATO DE CAMILLO PESSANHA
Vestido de mandarim

da imagem interior que a obsecava. Surgia então uma das suas poesias que por ser vivida anos e anos, como uma síntese de mil dores e sonhos, quási como uma obcessão da alma, vinha carregada de símbolos e de vida, verdadeira síntese profunda e completa de um estado de alma.

E' êste o motivo da suprema belesa e de certa dificuldade das poesias de Camillo Pessanha. As suas poesias não são narrativas, não vivem de casos exteriores e formaes, nem analisam numa lenta descrição um sentimento. As suas poesias revelam, numa síntese de imagens e harmonias, um estado de alma completo que podia ser a vida inteira de um homem. Por isso cada palavra parece lembrar um sentido secreto, pesado e profundo. Por isso as imagens não teem apenas a belesa exterior e literária, prolongam-se com uma vibração que quasi nos faz sofrer, até ás raizes vivas da nossa alma.

A dor da luta e das inúteis conquistas, da violência, da morte que caminha no rastro das últimas saudades que se afastam, está, por exemplo, sintetisada num unico soneto. E quando o soneto acaba sôbre a imagem dos mortos a sonhar de costas,

«.. ....nos olhos abertos
Reflectindo as estrellas, boquiabertos...»

...parece que o poéta definiu toda a inutilidade terrivel da nossa luta sôbre a terra, solitária, antipática, carregada de sonhos de violência e de grandeza e cuja única felicidade é o sonho da morte.

Desta poderosa vida de cada uma das poesias provém, como disse, toda a sua grandeza mas também a sua pòssível dificuldade, a sua complexidade e subtileza, que nem todos os espiritos são capazes de aceitar.

Assim, por exemplo, quando o poeta sintetisa num soneto a sua visão total da nostalgia dos dias que correm e passam por nós, inúteis, amargos, felizes, sucessão de imagens e de dores e alegrias, dos dias que parecem a imagem que os convalescentes meio febris teem da vida... Um espirito rasoável e normal quererá saber o que quere dizer objectivamente êsse soneto, a que vem a tão complexa e vazia sucessão de imagens. E será dificil, certamente, que a nossa alma que o sentiu como deve ser sentida a poesia pura, com um sexto sentido místico, com uma vibração das potências da alma, lhe possa dizer porque adora essa sucessão de imagens sintetisando, cada uma delas, uma forma de vida que passa:

«Dália a esfolhar-se — o seu molle sorriso.»

Assim também com a imagem do amor morto e que as melancolias e lágrimas recobrem como de uma inacabavel corrente de águas claras:

«E debaixo das águas fugidías,
«Os seus olhos abertos e scismando ..»

Cada palavra, cada frase, cada imagem evoca uma vibração completa de

sentimentos, uma atmosfera humana, essa vibração complexa de fôrças dominadas por uma harmonia a que nós, para simplificarmos, chamámos um estado de alma.

E aquilo que noutro, menos misticamente poéta e mais literato, daria um livro inteiro é aproveitado por Camillo Pessanha apenas numa ou duas poesias. Nova causa da sua pura e profunda beleza, mas tambem da sua dificuldade. Em geral, realmente, os literatos aplicam a sua capacidade de dizer as coisas com harmonia, com graça ou com clareza, aos episodios correntes da vida. Quantos e quantos versos de amor não são apenas episodios banais de namoro postos em verso mais ou menos harmonioso e belo. Ora a poesia é outra coisa mais profunda e trágica — a fala que as almas adótam quando querem eternisar algum sentimento, quando querem fixar a sua criação ante os infinitos ou quando querem, apenas, libertar-se dos seus fantasmas interiores. E' assim a poesia de Camillo Pessanha, estravasamento de alma em palavras, harmoniosas e claras mas pesadas de um sentido imenso. evocadoras de um martirio profundo.

ULTIMO RETRATO DE CAMILLO PESSANHA

Quais foram as realidades íntimas, animicas, que o fizeram poéta? Se já estivesse criada uma sciência da alma em que as suas potências, as suas fôrças actuantes, estivessem ordenadas e definidas, seria bem mais fácil determinar o sentido interior da obra de qualquer poéta. Mas a sciência da alma continúa a ser vaga e imprecisa e corre-se o risco, ao falar de poesia pura, dessa linguagem da alma, de cair no preciosismo e na excessiva abstracção.

Permito-me no entanto distinguir entre a potência criadora e a potência sensivel da alma para dizer que é a segunda que, quási exclusivamente, forma o fundo da poesia de Camillo Pessanha. E' realmente o poder sensivel, a vibratilidade ante as coisas exteriores e os sentimentos, ante o mundo e as próprias fôrças do homem, que constitui o fundo da poesia de Camillo Pessanha.

Só isto. Mas com uma tal profundidade, com uma tal intensidade de sonho, que nunca a poesia definiu melhor um estado de alma, isto é, a vibração da alma ante as imagens ou os sentimentos.

Todos os estados de alma, não. Mas aqueles que definem a melancolia, a esperança, a saudade, a ternura, bruscas ânsias de glória, o éco dos ais que se não calam a recordar a vida hostil.

A ideia que domina as suas poesias é a da fraqueza da sua alma ante a hostilidade do mundo, e a da inconsistência dêste, passando como as imagens ligeiras e que vão fugir, fugir...

«Imagens que passais pela retina
«Dos meus olhos, porque não vos fixais?

Nunca o perpètuo fluir do tempo e das formas provocou na alma humana uma tão grande e tão pura dôr, nunca outro grito foi mais penetrante do que o dêste sonêto.

Grito ante a vida que vai fugir, gritos de egual dôr á vida que volta, inúteis de mágua e dôr a recordar, a reacender o passado, os passos incertos, a vida inteira, submersa pela grande onda do tempo, apagável, inútil, e sempre renovada.

E' êste o sentimento mais constante da poesia de Camillo Pessanha. E todos os estados de alma em que se possa revelar êste sentimento ele os exprimiu: a nostalgia de uma ternura que se levanta do olvido tumular; a suavidade da imagem de ternura que surge após a chama bárbara e dolorosa; a figura do amor, aberta e núa invocada sôbre a morte como um desafio do momento á eternidade hostíl; a imagem da saudade reevocando do fundo da memória as horas de paz:

«Extinctas primaveras evocae-as:
— Já vai florir o pomar das maceiras,
Hemos de enfeitar os chapéus de maias.

. As suas imagens surgem como de um sonho, entrevistas entre uma sombra de lágrimas por uma supersensivel penetração quási mediúnica. A subtileza, o excesso, a profusão de evocações de cada uma das suas imagens, dão-lhe uma intensidade febril e complexa.

Mas não era possivel de outro modo exprimir com clareza e sôbre tudo com verdade, as sensações tão íntimas, tão profundas, de que são feitas as suas poesias.

Porque é a sensação, a vibração despertada na alma por qualquer sentimento o que êle canta e não o próprio sentimento. O sentimento tem o quer que seja de conflito, de drama exterior à nossa alma, mas o que êle deixa impresso na nossa sensibilidade, essa vibração intima, êsse sentimento do sentimento, o estado de alma ante um e outro sentimento, ante êste e aquele drama, é bem íntimo, bem abstracto, quási indefinível.

Foi por isso que inconscientemente o poêta recorreu a uma forma de transposição quási directa dos estados de alma por que vai passando ante os seus sentimentos e os casos do mundo. E quando na sua poesia quer fixar a atmosfera exterior é ainda como uma imagem reflectida da alma, como um estravasamento da sua alma sôbre as coisas:

«Ha no ambiente um murmúrio de queixume,
De desejos de amôr, d'ais comprimidos...
Uma ternura esparça de balidos,
Sente-se esmorecer como um perfume.»

E quer a imagem seja a da sua terra natal em que erra, símbolo de suprema dôr, o fastasma de sua mãe, quer seja a exótica evocação dos *barcos de flores*, é sempre o mesmo grito, febril, penetrante, imenso de mágua, que volta a acordar o êco da sua alma. Sempre a sensação íntima e profunda terá ocasião de vir á superfície com o seu grito desgarrado e triste.

Poesia do abandono, da nostalgia, da mágua, da incessante e fluida fuga do tempo e da vida, da amargura, da súbita tristeza, agoiro inesperado, dôr forte e imprevista, após a vitória e o amôr. Poesia, não de violenta desgraça mas de penetrante, de profunda sensibilidade dolorida:

«O inane, vil despojo
Da alma egoísta e fraca!
Trouxesse-o o mar de rojo
Levasse-o na ressaca.»

Não teve nunca a poesia portuguesa uma voz igual, de tanta penetração nos mistérios indesvendados da humana dôr. E eu ponho-me a evocar a figura de Camillo Pessanha, a sua dôr de exilado, a sua sensibilidade excessiva, o seu isolamento melancólico, para poder explicar a mim próprio esta estranha e bela poesia.

Há coisas que só em plena dôr, com os olhos enevoados de lágrimas nós somos capazes de evocar com absoluta grandeza. Anos e anos sonhei evocar a

E quando, ó doce Infanta Real,
Nos sorrirás do belveder?
— Magra figura de vitral,
Por quem nós fomos combater...

Autógrafo de CAMILO PESSANHA.

imagem desta poesia de Camillo Pessanha — figura de mulher que escutasse chorar o seu próprio coração. A vida é, porém, demasiado violenta, entontecedora, barulhenta e cega. E' preciso por vezes escrever sob o signo da morte para dizer a verdade da nossa misteriosa alma.

Quantas e quantas vezes a nostalgia que nos enche a alma — do céu? ou da vida? — e que é a alma oculta da poesia de Camillo Pessanha, se quiz exprimir com esta clareza em palavras rápidas e simples. Foi preciso, porém, que a morte do poéta tivesse esmagado por momentos a minha violência criadora, a minha audácia combativa e cruel. E nostálgico e saudoso, com a alma melancólica que êle tinha sempre, posso enfim exprimir o que era a sua poesia — voz de alma, voz que eu evoco, como êle, a tremer do frio que a realidade fugitiva e triste da vida e da morte em mim deixou:

«Voz débil que passas,
Que humílima gemes
Não sei que desgraças. . .

. . . .

Suspiras ou falas?
Porque é o gemido,
O sopro que exhalas?»

Voz de queixume da alma ferida por todos os sentimentos da vida e da morte e cuja consolação é apenas a poesia que aprendeu a cantar.

Da sua dôr, do amargo da sua alma, como éco necessário e compensante surgiu o seu canto—*ai que insiste noite e dia*, insurreição de prisioneiro, queixume de amoróso, voz débil e núa na hostilidade das coisas.

A sua poesia foi a voz da sua sensibilidade e a sua consolação. Só para compensar os martírios da sua sensibilidade êle fez poesia — tão puramente, tão naturalmente como as lágrimas ou o canto assomam à face da desgraça.

A espontaneidade, a falta de voluntariedade ou de preocupação literária não têm nada com a simplicidade. E-se expontâneo com todas as qualidades intrínsecas que podem levar á máxima complexidade de idéa ou de expressão. E neste caso a falta de expontaneidade seria a disciplina forçada das formas simples. A poesia de Camillo Pessanha é tão expontânea como o gemido de um doénte. E a tal ponto que êle não multiplicou literariamente as suas produções — limitou-se a esprimir os seus fantasmas interiores em algumas sinteses.

E quando por acaso a obcessão de que se queria libertar se fixava apenas num verso, Camillo Pessanha abandonava êsse verso, assim, á espera de outro momento de semelhante dôr que lhe criasse um companheiro Ficaram-me na memória alguns versos mutilados de Camillo Pessanha, versos isolados, mais tristes assim na sua admiravel beleza incompleta do que os mais tristes poémas.

«Um fio a desdobar que não termina,
De grinaldas de rosas de toucar...

Cantam-me na memória êstes seus dois versos abandonados, sós, mas que exprimem tão admiravelmente a sucessão dos sonhos e das imagens na sua alma doente.

A sua voz erguia-se de quando em quando e sempre tão íntima, tão subjectiva, tão profunda que até as imagens mais extranhas, mais exóticas ganham uma subjectividade e uma dôr próprias. A imagem, tão exterior a si e á sua raça, dos Barcos de Flores no Rio de Cantão passa a ser na sua poesia mais uma modalidade do seu gemido flébil, do seu ai dolorido. A sua voz debil, misteriosa, é aqui o chóro da flauta, incessante, dolorido, fragil som que domina todos os ruídos e festas e ecôa na altura como mais um grito da humana dôr:

«E a orchestra? E os beijos? Tudo a noite, fóra,
Cauta, detem. Só, modulada, trila
A flauta flebil... Quem hade remi-la?
Quem sabe a dôr que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora. .

Como esta expressão dorida é bem dele e bem portuguesa e como em face dela me parece ridicula a miragem da critica que fala de Camillo Pessanha como de um poéta de inspiração oriental.

O que êle soube foi transportar a sua prececção finíssima á análise e á tradução da poesia chinesa, dando como resultado essas rarissimas, essas extraordinárias Elegias Chinesas, pedaço de uma obra que a tortura e a morte truncaram.

Nas Elegias Chinesas já não é o subjectivismo de Camillo Pessanha — que apenas interveio na escolha dos poemas a traduzir — o que domina mas a sua capacidade de prececção e maleabilidade de inteligência.

Essa sua obra está bem á parte, e inacabada e truncada embora, é unica no mundo, pois raramente ou nunca, se juntou a erudição das coisas orientais a uma tão extraordinária sensibilidade poética.

O poeta diz como trabalhou as Elegias Chinesas: «busquei trasladar com exactidão o que era trasladavel — o elemento substantivo ou imaginativo...»

E transportou-o com uma inexcedivel sciência do que seja a fiel e leal tradução da poesia, fazendo desaparecer a personalidade do tradutor inteiramente. Quem conheça a poesia de Camillo Pessanha de uma sensibilidade exasperada, de uma melancolia de exilado do céu, de saudoso do heroismo e do amór, e leia estas «Elegias Chinesas» decerto verá bem o que tem de falso atribuir á poesia própria de Camillo Pessanha qualquer influência de exotismo oriental. Produto da sensibilidade portuguesa mais profunda, bem nossa pela alma e pela forma nascida neste momento de hiper-sensibilidade da nossa alma ocidental.

E quem sabe se o exílio no Oriente, a entrega da sua vida a todas as formas exteriores dessa vida tão diferente dêsse exotismo alheio á sua alma — coleccionando os mais admiráveis objectos da arte chinesa, descrevendo a vida do Inferno Amarelo com um interesse mixto de amór e rancôr, traduzindo os poemas chinêses, cuja melancolia *amorosa e grave, e cuja filosofia ao mesmo tempo nihilista e estoica*, estavam tão distantes da sua maneira de ser — quem sabe se tôda essa actividade não representava apenas a necessidade de fugir á obcessão da dôr portuguesa em que a sua alma tanto vibrou.

O exílio, o exotismo, as preocupações de arte, as colecções, as traducções de poesia podem bem ter sido a maneira de fugir á obcessão da sua dôr, da sua prececção sensivel de tôdas as máguas que o tenham feito assim. Em geral só com a alma da nossa raça nós vivemos e sofremos plenamente. As almas das outras raças servem-nos de paisagens longinquas e serênas em que podemos fugir ao nosso drama interior.

As passadas que deixou impressas sôbre o mundo á espera que a maré dos tempos e dos destinos lhas viesse apagar ficaram nas suas poesias. Mas como o crente que na imagem de um santo ou num simbolo sagrado encontra suficiente anteparo á visão do mundo terrível e triste, infinito de cruel vastidão, Camillo Pessanha encontrou neste exercício de inteligência, um passageiro mas dôce socêgo.

E como são belas as estátuas de jada e ouro que êle coleccionou — As Elegias Chinêsas — e que amou com o mesmo carinho que as suas colecções de pinturas e porcelanas, de estatuetas e objectos de culto.

Escolho uma das «Elegias» para juntar a graça desta estatueta exótica ás evocações das figuras divinas da sua poesia:

«Queixumes das Esposas do «Hsiang».

«Ilhéos do Norte do *Hsiang* onde as orchideas se ceifam!
Plainos do sul do *Lai*, onde se talham as essências de preço!
As águas, puras, teem chromatismos de ágatha
Sutil, a briza, vibrações de jada.

Sobe a névoa, entre as sombras do *Tsang-u*
Baixa o sol entre as brumas do *Ting-Tang*...
As penas dos bambús quem é que as sabe?
Mas bem se lhes vêem os sinais das lágrimas.»

Com que superioridade, com que poder admiravel de inteligência construiu o poeta essas estatuetas exóticas!

Mas o que importa mais em Camillo Pessanha é, a-pesar-dé-tudo, a sua poesia da sensibilidade... E esta é bem portuguesa, feita no *paiz perdido* que lhe pareceu Portugal, com a alma *languida e inerme* que lhe preparou a própria evolução da tortura. Ah êle é bem o gemido da alma já ferida de tragédia e de sarcasmo em Junqueiro, já lamentosa de desgraçada tortura em António Nobre. É bem a expressão da nossa alma nesse momento de uma extrema sensibilidade, de uma impressibilidade quási doentias.

E foi isso que lhe permitiu escrever a poesia que ainda ninguém escrevera, a poesia da sensibilidade dorida, e fragil, gemente e dôce.

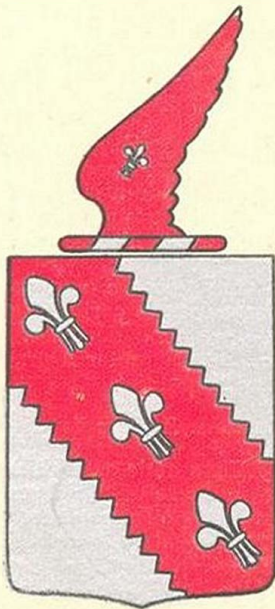
É isso o que Camillo Pessanha traz de grande, de admiravel, de novo á alma humana — uma penetração subtil e profunda de estados de alma ainda não idealisados em poesia.

Por subtis processos de uma delicadeza infinita descobriu o mistério que animava a sua vida e disse-o nos seus poêmas. Mas aconteceu que o mistério da sua alma era uma das potências da alma, uma das mais fortes uma das mais desconhecidas, ocultas e hermeticas potências da alma.

Ele cantou a força que o animava e as suas dôres e ilusões.

E aconteceu que dêsse canto dorído surgiu uma figura divina, a imagem da poesia pura, sagrada, divina quási.

E para sempre, nas horas em que o mistério da sensibilidade nos dominar, se erguerá ante nós, consoladôra pálida, de mãos macias como lágrimas, a imagem da sua poesia.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

Desenho de PAIM
Um dos mais notaveis ilustradores brazileiros

A CÔR DOS SONS

Só hontem surpreendi
a côr dos sons.
Enquanto eu dançava,
léve, gracil, turbada e radiosa
na tua face gloriosa
acendiam-se flamas dos mais vivos tons!

Recordo-me de notas tão ardentes
como flavas abelhas,
tão rùbidas e escarlates
que as curvas airosas dos meus longos braços
lembravam-me açafates
de rosas vermelhas!

Os violinos subiam
crispando queixas
em estranhas agonias...
E acordavam claridades,
chorando de mansinho,
num despertar de vagas saúdades,
de vagas nostalgias ..

E em redòr tombava, rôxamente,
a côr arrefecida
do cinzento rosmaninho
algente e maguada...
A tua cabeça heraldica
pendia
numa saúdade esguia,
estilizada!

....

Findára tudo...
Saimos
muito enlaçadas
num brando afago, dôce, de veludo...
Cá fóra o vento soluçava
em bruscas convulsões...
E a tua voz, cansada, despertava
ruivas lembranças,
crispando as minhas sensações!

Depois, no silencio môrno
da minha alcôva,
as minhas mãos trémulas e núas,
perdidamente presas ás tuas,
... luarentas e alongadas.
E estridulando fulvas sensuálias
sobre um marmore de Carrara,
numa anfora esguia e rara,
resplandeciam
orgulhosas
e caprichosas
dalias...

E, meu amor,
se a minha voz repetio ainda,
muito presa a ti,
a sinfonia desvairada
dos meus desejos
doidos, incoerentes,
foi para incendiar
a tua boca linda
naquelas côres ardentes
em que depois se abrasaram
os meus beijos!

JUDITH TEIXEIRA

Do livro no prelo «*Núa*, Poemas de Bysancio, escritos que foram por Judith Teixeira».

A EXPERIÊNCIA E O JUIZO SEGUNDO FRANCISCO SANCHES

discutida obra de Francisco Sanches [1], «De multum nobili et prima universali scientia — Quod nihil scitur», considerada por Deusdado [2] como «prólogo da revolução que suscitou as diferentes correntes filosóficas modernas» é uma tese construtiva que, longe de revelar um pirronismo obstinado, apenas pretende ser um programa sistemático de metodismo scientífico, muito embora alguns críticos insinuem que Sanches fêz scepticismo, à maneira de Charron ou de Montaigne [3].

Na carta dedicatória oferecida ao *integérrimo e sábio* Diogo de Castro, Sanches diz que, na sua obra, unicamente se propõe combater contra a mentira [4], como iniciador que é do criticismo moderno. O nosso filósofo, precursor de Bacon e Descartes que tão patentemente se inspirou nêle [5], resume, assim, o seu sistema:

«...E' inato ao homem o querer saber; a poucos é dado o saber querer; a menos ainda o saber. Para mim não abriu a fortuna excepção. Desde o começo da minha vida que eu, dado á contemplação da Natureza, tudo prescrutava sem descanso. A princípio o meu espírito, ávido de saber, contentava-se com qualquer alimento que se lhe oferecia; a breve trecho, porém, se lhe tornou impossivel digerir e começou a vomitar tudo o que ingerira...»

«Voltei-me então para mim próprio; e pondo tudo em dúvida, como se até então nada se tivesse dito, comecei a examinar as próprias coisas: é esse o verdadeiro meio (método) de saber...» [6]

«Quero-me com aqueles que, não se tendo obrigado a jurar nas palavras dum mestre, examinam com os recursos próprios as questões, levados pelos sentidos e pela razão [7]. Por isso tu, quem quer que sejas, que tens a mesma condição e temperamento que eu, e que no teu íntimo tens muitíssimas vezes duvidado da natureza das cousas, duvida agora comigo, exercitemos juntos o nosso engenho...»

«... Além disso, eu não te prometo inteiramente a Verdade, visto que a ignoro, assim como a tudo o mais; procurá-la-ei, no entanto, até onde puder; e tu, descoberta que seja e expulsa dos seus esconderijos, segui-la-ás. Nunca esperes, porém, apossar-te dela, ou retê-la scientemente, baste-te o que para mim é suficiente, agitá la. E' êsse o meu escopo: deve ser também o teu.»

«Posto isto, e começando pelos princípios, passaremos em revista os mais importantes capítulos da filosofia, dos quais mais fácilmente depois se poderão coligir os restantes. Nêstes, não desejo de modo algum deter-me, pois o caminho (método) irei buscá-lo à medicina, de que sou professor: da especulação filósofica vem os seus princípios. Assim, duma cajadada mataremos dois coelhos, pois doutro modo a vida não chegaria a nada. Espero por isso ser desculpado se nêsse trabalho de investigação da verdade desprezar certas minúcias...»

«...Não esperes de mim um estilo ataviado e polido...»

«... As belas frases convem aos Retóricos, aos Poetas, aos áulicos, aos namorados, às cortezãs, aos proxenetas, aos aduladores, aos parasitas e semelhantes, para os quais o falar bem é um fim. Para a sciência basta, e é necessário mesmo, a propriedade, o que não pode conjugar-se com aquilo...» [8]

Em pleno século XVI era difícil falar com maior independência e desassombro intelectual. O protesto de Sanches denunciava o descrédito do tomismo que poucos defendiam já, com originalidade, repetindo servil e perfunctoriamente as doutrinas da escolástica, excepcionalmente interpretadas, com assombrosa lucidez e profundeza, pelos coimbrões.

As causas gerais do êrro que Sanches prefixou, bem como outras ideias do seu criticismo incipiente, foram claramente consignadas e admitidas nos sistemas cartesiano e baconiano, onde tiveram desenvolvimento e serviram de fundamento normativo.

A dúvida, como ponto de partida, no «Quod Nihíl Scitur» é negativista, mas nem por isso deixa de ser criadora:

«...Nem sequer sei que não sei nada: conjecturo, porém que o sucede comigo, sucede aos outros. A minha bandeira é esta proposição: nada se sabe [9]».

Aludindo e respondendo ao dilêma usado contra os scépticos *(ou vós sabeis ou não sabeis,* contradizendo-vos quer digais que sabeis ou declareis que não sabeis), Sanches começa por afirmar que todas as definições são verbais e que, não podendo nós conhecer a essência das cousas e a essência do definido, tudo é falso. Na definição de homem, as palavras, *animal racional mortal*, ainda que definidas pelos géneros superiores e pelas diferenças, até ao ente, não podem revelar a verdade, pois nem sabemos o que é o ente.

As palavras, portanto, quaisquer que sejam os subterfúgios empregados, não teem «nenhuma constância, certeza ou estabilidade»: *nulla in verbis constantia, certitudo, nec estabilitas.*

O próprio Aristóteles «subtilíssimo investigador da Natureza» é confuso e obscuro em muitas opiniões fundamentais. Para definir sciência, p. ex., diz que é «*habitus per demonstrationem acquisitus*». Mas o que é o hábito? — pregunta Sanches. Define-se, assim, uma cousa obscura, por outra mais obscura, e quanto mais palavras, maior a confusão, erguendo-se desta forma fantásticas construções: *Super haec mira construunt.*

Referindo-se ao Organon, exproba a invenção silogística, «fútil, longa e inútil» e que só torna a prova mais obscura do que a tese: *Obscurior probatio quaesito.*

«... Procurei sempre, como agora faço, ver se encontrava alguem de quem dissesse com verdade que tinha sabido bem alguma cousa; mas em parte alguma o encontrei a não ser naquele sábio e justo varão, Sócrates, (embora também os chamados Pirrónicos, Académicos e Scépticos, juntamente com Favorino, afirmassem o mesmo) o qual uma só cousa sabia e era — que não sabia nada. Só por essa afirmação o julgo eu doutissimo, embora êle não satisfaça ainda por completo o meu espírito, porque mesmo isso, como as outras cousas, êle ignorava, mas para afirmar mais fortemente que nada sabia, disse que só aquilo sabia, e por isso mesmo que não sabia nada, nada quiz deixar-nos escrito. Muitas vezes me veio isso ao espírito [10]».

Muito antes de Descartes, já Sanches reconhecera a insuficiência dos livros, resolvendo procurar a sciência *dans le grand livre du monde*, como havia de ser aconselhado, mais tarde, por aquele filósofo [11].

Apreciando o falso conceito de sciência, imposto pelos antigos e confusamente lindado pelos escolásticos, Sanches depois de se pronunciar irreverentemente contra os silogistas: *sillogistici melius cerdones essent*... — afirma que a sciência é uma «visão interna» de cada cousa por si. «A sciência não é a multidão de muitas cousas na mente... ; uma sciência basta a todo o mundo, e a ela não lhe basta o mundo todo».

Aristóteles foi vago, confuso e inconstante quando versou o mesmo problema. Tão depressa diz que «saber é conhecer as cousas pelas causas», como afirma que «a sciência é um hábito adquirido por demonstração», adoptando ainda outras definições que não são ditas *simpliciter* e que, nem sempre, teem o mesmo valor. Para Sanches, «a sciência é o conhecimento perfeito do assunto». Resta saber o que é o conhecimento. E' êle mesmo que apresenta a dificuldade, apreciando como insolúvel e especiosa a preocupação de explicar todas as palavras que entram numa definição, com novas definições e fundamentos. Assim, haveria sempre dúvidas àcêrca das palavras: *Perpetua nomina dubitatio.*

E' evidente que toda a sciência é uma ficção, porque obtendo-se por demonstração, esta supõe a definição «e as definações não se podem provar, mas devem acreditar-se; logo, a demonstração por suposições produzirá uma sciência suposta, e não uma sciência firme e certa».

Prosseguindo na sua crítica sistemática, o autor do «Nihil Scitur» prova que o verdadeiro saber consiste em conhecer primeiro a natureza das cousas, depois os acidentes; não representa a demonstração um silogismo scientífico; nada sabem os que confiam nas demonstrações.

Na definição da sciência interveem três elementos: *a causa a conhecer*, *o conhecimento e a perfeição.* Analisando êstes termos da sua definição, Sanches conclui que nada se sabe, muito embora as cousas sejam finitas. Se não podemos conhecer perfeitamente a natureza das cousas em geral, ignoramos, em particular, qualquer delas. Abandonemos portanto, as «futilidades, rapsódias e fragmentos de poucas e mal feitas observações, as fantasias, invenções, ficções e opiniões». «...Bem dizia Salomão quando afirmava que a sabedoria humana é loucura diante de Deus». Não podemos ter o conhecimento duma cousa — insiste Sanches — sem termos o conhecimento das outras. Promete provar, mais desenvolvidamente, esta tese no «Examen Rerum», de que fala várias vezes, mas que, infelizmente, não figura em nenhuma das edições das suas obras, o mesmo sucedendo com o tratado «De Loco», a que faz referências. «Afirmo que o universal é falso, a não ser que abranja e firme, exactamente como elas são, todas as cousas que nêle se conteem. Não há homens irracionais para provar a falsidade do universal?»

Continuando, aprecia a longa discussão filosófica sôbre a eternidade do mundo e a insuficiência mental dos que, além da fé, pretendem descobrir, com rigor scientífico, a causa primeira ou a causa final. Enumera várias causas da ignorância humana sempre revelada, já pela durabilidade perpétua e heterogénea das cousas, já pela mutabilidade material e contínua que as deforma, fazendo variar o juizo quando alguma verdade se ia enraizando, ou outras se descobriam. Nada há estável: *Quid igitur fixum de. rebus tam mutabilibus, quid determinatum de rebus tam variis, quid certum de rebus tam incertis?*

O calor, na filosofia de Francisco Sanches, é a «divindade sublunar, a mão direita da natureza, o agente dos agentes, o mobil dos mobeis, o princípio dos princípios, a causa das causas sublunares, o instrumento dos instrumentos, a alma do mundo». Mas, êste «simples acidente, cujá razão, assim como a das outras cousas é desconhecida» é um elemento de perpétua corrupção e transformação. A origem do calor é desconhecida, embora sôbre êste problema se pronunciassem mil sábios; constitui outra causa de ignorância.

A parte construtiva do intelectualismo reformista e, por isso mesmo, negativista, de Sanches, assenta na definição de sciência e seu valor funcional. No conhecimento devemos considerar três cousas: a cousa conhecida, o cognoscente e «o próprio connhecimento, que é o acto dêste com relação àquela». Sendo deficiente qualquer definição do conhecimento, partamos desta verdade: ha um só cognoscente que é o homem, não falando de Deus, que tem um conhecimento perfeito. O conhecimento é um só «pois

a inteligência que conhece as cousas externas é a mesma que conhece as internas». E a verdade é que a inteligência conhece, de modo diverso, três espécies de cousas: cousas inteiramente externas; cousas internas; e, finalmente, cousas que são em parte externas e em parte internas.

«O conhecimento mais certo é o que vem dos sentidos; o menos certo o que vem da razão. Verdadeira sciência não é a que se obtém pelos silogismos».

Abordando novamente a questão da inutilidade da silogística, Sanches insurge-se contra a doutrina scientífica dos silogismos: «Não há para a sciência nada mais pernicioso do que ela. Aristóteles, vendo isso escreveu acêrca dos sofismas, para nos livrar dos enganos silogísticos, e assim deu a beber o veneno, tentando em seguida curar com o antídoto, que também é veneno».

Sanches prometia indicar no livro «Modi Sciendi» «o modo de discutir qualquer cousa sem a sciência silogística». E' outra obra de que, infelizmente, só temos notícia por êle, porque não foi publicada.

«Para achar a verdade teem os míseros humanos dois meios, já que não podem conhecer as cousas *per se*, pois se as pudessem entender como deviam, nenhum outro meio lhes seria preciso. Êsses meios são a experiencia e o juízo. Nenhum dêles pode subsistir bem sem o outro. Como deve ser considerado e empregado cada um deles, di-lo-emos num livrinho que se segue a êste, e que estamos escrevendo. Que nada se sabe, vês tu, entretanto, pelo seguinte: a experiencia é falaz e difícil em toda a parte; embora seja muito bem feita, só mostra o que se dá externamente e de nenhum modo a essência das cousas. Ora o juízo exerce-se sôbre aquilo que se descobriu pela experiência, e portanto só pode exercer-se a respeito das cousas externas, e mesmo isso mal; a essência das cousas, porém, só por conjectura se conhece, visto que não se obteve pela experiência, nem se alcança por si mesmo, embora às vezes se suponha o contrário. Donde, portanto, a sciência? Dêsses meios, não. Ora a verdade é que não há outros. Mas nem mesmo êsses os pode ter perfeitos o nosso jovem. Efectivamente (para não falar de muitas cousas que obstam a que se faça bem uma experiência) quantas experiências pode êle fazer? Bem poucas».

O protesto revolucionário de Francisco Sanches fez periclitar certo dogmatismo de que a especulação metafísica usava e abusava por meio da dialectica escolástica.

O «Quod Nihil Scitur» influiu certamente no espírito de Bacon, quando êste filósofo definiu e estabeleceu no *Novum Organum* os princípios fundamentais do problema técnico da indução que, modernamente se podem incluir, com os trabalhos de Whewell e S. Mill, num esquema metódico que — como ensina Lalande — compreende três tempos fundamentais: observar, inventar e verificar ([12]).

E é assim que, no critério scientífico contemporâneo, devemos lembrar ainda o nosso filósofo que organizou uma doutrina do conhecimento, apresentada com rigor na definição de sciência a que atrás aludimos. A *res cognita* «ou os dados objectivos», o *ens cognoscens* «ou receptividade das relações» e o terceiro elemento *cognitio ipsa* «ou subjectividade mental na forma superior e abstracta de lei», constituem, sem dúvida, a pedra de toque de todo o metodismo usado posteriormente.

Bem dizia Franck: no livro de Sanches há o espírito de liberdade que pressagia ao espírito humano uma nova era.

«A revolução filosófica dos séculos XVII e XVIII estava implícita na concepção de Sanches; renova-se a psicologia em Locke e Hume, como ratificação do Ens cognoscens, e Kant, na sua poderosa especulação crítica, chegou à conclusão suprema de que o conhecimento só era verdadeiro quando se realizava o acôrdo entre o dado objectivo (res cognita) e a noção subjectiva (cognitio ipsa) ([13])».

Com os dados das sciências indutivas, Sanches teria sido, no século XVI, o organizador da síntese filosófica que só três séculos depois foi possível ([14]).

LUIZ DE CASTRO E ALMEIDA NORTON DE MATOS

([1]) FRANCISCO SANCHES nasceu em Braga em 1540 ou 1550, não se sabendo também ao certo quando morreu (1612?, 1621?). Depois de acompanhar seu pai, o médico Antonio Sanches, nas viagens que êste fez a alguns paises da Europa, doutorou-se em Montpellier no ano de 1573.

Durante mais de dez anos foi professor de Filosofia e de Medicina na Universidade de Tolosa. Sobre a sua vida, vid. FRANK, Dictionnaire des Sciences Philosophiques, verb. SANCHES; Bibliot. Hispanica; Bibliot. Patiniana; Bibliot. Lusitana; Dic. Portugal; C. GIARRATANO, «Il pensiero di Francisco Sanchez» (Nápoles, 1903); E. SENCHET, «Essai sur la méthode de Francisco Sanches...», Laval, 1904; BRUCKER, «Hist. Crit. Phil.», t. IV, p. 541; LOPES PRAÇA, «Hist. Filos. em Port.», p. 95 e segs.; FERREIRA DEUSDADO, «La Phil. Thomiste en Portugal», p. 23; T. BRAGA, «Hist. da Literat.»; A Renascença.

([2]) Ob. cit., p. 23. Além do «Quod Nihil Scitur», SANCHES publicou: «De divinatione per somnum ad Aristotelem»: «In librum Aristotelis Physiognomicon Commentarius»; «De longitudine et brevitate vitae». Não vimos a refutação que, em 1665, Daniel HARTNACIO ajuntou ao livro de Sanches: «Sanches aliquid sciens, edditae sunt textui notae refutatories et praemissa est historia breviuscula Scepticismi veteris et recentis» — que, como diz L. PRAÇA, p. 96, «segundo criticos judiciosos e muito acreditados, está longe de igualar quer a lucidez, quer a penetração do philosopho Bracharense».

([3]) Esta opinião foi brilhantemente refutada por C. GIARRATANO, ob. cit.

([4]) Vid. « Quod Nihil Scitur», ed. 1581. Acompanhámos, de perto a tradução e notas de BASILIO VASCONCELOS, «Francisco Sanches, filósofo e médico», in Rev. de Hist., n.os 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 16 e 17.

([5]) Cf. DESCARTES, Discours de la Méthode, publicado em 1637, portanto, muito posterior ao «Quod Nihil Scitur», 1.ª ed., Lião, 1581.

([6]) Diz DESCARTES, Ob. cit, ed. coment. p. BROCHARD, p. 21: «J'ai été nourri aux lettres dès mon enfance; et, pour ce que on me persuadait que par leur moyen on pouvait acquérir une connaissance claire et assuré de tout ce qui est utile à la vie, j'avais un extreme désir de les apprendre. Mais sitôt que j'eus achevé ce cours d'études au bout duquel on a coutume d'être reçu au rang des doctes, je changeai entièrement d'opinion; car je me trouvais embarrassé de tantes de doutes et d'erreurs, qu'il me semblait n'avoir fait autre profit, en tâchant de m'instruire, sinon que j'avais decouvert de plus en plus mon ignorance...»

([7]) Cf. DESCARTES, ob. cit.

([8]) E' o pensamento repetido por DESCARTES, ob. cit., p. 23: «J'estimais fort l'éloquence, et j'étais amoureux de la poésie; mais je pensais que l'autre étaient des dons de l'esprit plutôt que des fruits de l'étude. Ceux qui ont le raisonement le plus fort, et qui, digerent le mieux leurs pensées, afin de les rendre claires et intelligibles, peuvent toujours le mieux persuader ce qu'ils proposent, encore qu'ils parlassent le bas-breton et qu'ils n'eussent jamais appris de rhétorique, et ceux qui ont les inventions le plus d'ornament et de douceur ne lairraient pas d'être les meilleurs poètes encore que l'art poétique leur fût Inconnu».

([9]) «Nec unum hoc scio me nihil sciere, conjector tamen, nec me nec alios. Haec mihi vexillum propositio sit., haec sequenda venit, Nihil Scitur».

([10]) Vid. «Quod Nihil Scitur».

([11]) DESCARTES, ob. cit. p. 25.

([12]) Vid. LALANDE (A.)—«Les Théories de l'Induction et de l'Expérimentation», in Rev. des Cours et Confér., 15 Jan. 1924, p. 249 e seg.

([13]) Vid. T. BRAGA «Recapitulação da Hist. da Literat. Port., Renascença» p. 614 e «Historia da Universidade de Coimbra», Vol. II p. 421.

([14]) Ibid.

Avivados os traços longitudinaes da perspectiva dos ladrilhos, facil é de perceber a gloria que cabe ao Sr. Almada Negreiros descobrindo o grande erro.

o que é provado, sem contestação possivel, pela disposição dada aos paineis pelo Senhor Dr. José de Bragança.

O ERRO E O ACERTO DA PERSPETIVA DOS LADRILHOS NOS PAINEIS

O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado
Que a morna brisa aquece,
De balas traspassado —
Duas, de lado a lado —,
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços extendidos,
Alvo, louro, exangue,
Fita com olhar langue
E cego os céus perdidos.

Tam jovem! que jovem era!
(Agora que edade tem?)
Filho unico, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
«O menino da sua mãe.»

Cahiu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lh'a a mãe. Está inteira
E boa a cigarreira.
Elle é que já não serve.

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A brancura embainhada
De um lenço... Deu-lh'o a creada
Velha que o trouxe ao collo.

Lá longe, em casa, ha a prece:
«Que volte cedo, e bem!»
(Malhas que o Imperio tece!)
Jaz morto, e apodrece,
O menino da sua mãe.

FERNANDO PESSOA

APOTEOSE

Num desejo carmezim
De ter desejos mais belos,
Quero ir até ao fim
Dos espelhos paralelos.

Ficarei distante, assim,
Dos meus olhos amarelos . . .
—Pois estou farto de mim
Té á raiz dos cabelos.

Porque sou infinitista,
Hei-de perder-me de vista
No delirio das miragens;

Até que—"Trelim-tim-tim!"
Acabe tudo por fim
Num terramoto d'imagens.

Carlos Queiroz.

O IBERO AMERICANISMO

DEPOIMENTOS QUE EM PORTUGAL O JUSTIFICAM

«UNIÃO de Portugal com o Brasil. Concomitantemente um entendimento entre o Brasil e as nações da Sul-America, como o formula um eminente argentino, Manuel Ugarte, no seu livro—*El porvenir de la America Española*—e que já teve um inicio entre a Argentina, o Brasil e o Chile, constituindo o A B C da diplomacia sul-americana. Identico entendimento entre os portuguezes e os espanhoes...

No proximo numero colaboração do poeta futurista de Coimbra. Antonio Navarro.

«E o resultado?

«Serem Portugal e Espanha, no extremo occidente europeu, para todos os effeitos da politica diplomatica, commercial e economica, como que um plolongamento da America latina. E assim se organisaria com excelentes bases estrategicas e numerosos pactos de apoio, em todos os continentes e latitudes, um novo grande e poderoso blóco, o blóco luso-hispano-americano».

(De uma entrevista ao «Diario de Noticias», em 5 de fevereiro de 1922.

DR. BETTENCOURT RODRIGUES
Antigo Ministro de Portugal em Paris

❦ ❦ ❦

«E, na verdade, se o blóco ibero-americano não se constitue desde já, a consequencia será que, dentro do fatal pan-americanismo, o proximo futuro estadio da civilisação, a raça que descobriu o Novo Mundo, a primeira que lhe deu o seu sangue e as melhores energias dos seus povos e as luzes da civilisação christã; a raça, emfim, que occupa mais de dois terços do continente americano, ficará subalternisada moral, politica e economicamente ao nucleo anglo-saxonico. Será na historia um phenomeno semelhante ao que se deu na Europa em conquencia da consolidação da civilisação christã, quando se definiu e affirmou na epoca chamada «primeiro renascimento» com

o Imperio Carlovingio e as gentes greco-latinas do Sudeste europeu, as *iniciadoras*, ficaram moralmente escravas do Sagrado Imperio (Alemanha, Italia e sul da França).»

(Trad. do «El Defensor», de Huelva, 17 de março de 1922).

DR. COELHO DE CARVALHO
Antigo presidente da Academia das Sciencias, antigo Reitor da Universidade de Coimbra

❦ ❦ ❦

«Em nome da Nação, saudai como irmãos os vossos camaradas do Brasil, e que estas saudações que lhes enviardes venham a ser o primeiro decisivo passo para que as duas Patrias se juntem n'uma União de resultados prodigiosos....................

«Considerai, moços portugueses, como, a exemplo da Espanha, que procura alliar-se com as republicas suas moças filhas da America, nós, portugueses e brasileiros, entraremos por nossa vez na constituição d'esse grande blóco Luso-Hispano-Americano, o qual uma vez formado, será a mais alta afirmação espiritual d'uma Raça que o Brasil e a Argentina vão celebrar em monumentos votivos, aras sagradas do Genio peninsular, erguidos entre dois occeanos, o Atlantico e o Pacifico, cuja ondas se vão rltimar, ao rolar em tantas praias, nos sons de identicas linguagens.»

(*Aos estudantes portuguezes*, Diario de Noticias, de 5 de Julho de 1922).

DR. AFFONSO LOPES VIEIRA

❦ ❦ ❦

«Mas, ao lado d'estes factos singulares, vê-se nitidamente a Europa occidental e a Europa central e oriental dividiram-se em dois campos oppostos; acima de divergencias efemeras, como as que separam a Italia da França, vê-se o espirito latino reacender-se n'uma vigorosa aspiração de seivas novas, a Europa procura nas suas projecções na America o rejuvenescimento d'uma vida moral e espiritual abalada pelas ultimas convulsões. O blóco hispano sul-americano, que era uma utopia tambem, torna-se hoje uma aspiração intellectual dentro da qual um pensamento politico se desenha.»

(De um artigo editorial do «Diario de Noticias», de 6 de agosto de 1922, quando dirigido pelo

DR. AUGUSTO DE CASTRO
Actual ministro de Portugal junto do Vaticano

❦ ❦ ❦

«Eu vos falei de rivalidades ibericas, porem, tambem são ellas coisas do passado, que já perderam a utilidade e o prestimo, hoje Portugal e Espanha, com os seus filhos da America, podem realisar a unica Iberia realisavel, a que nos solidarise sem nos fundir, a que conserva intactas as nossas personalidades, porem congregue as nossas affinidades, que são tantas ; a que se impunha ao mundo como nova força moral, e que renove todas as energias da nossa raça commum e faça compreender aos esquecedores que soubemos e saberemos ser condutores de povos, embora outros nos tenham excedido nas funcções mais subalternas e mais praticas de aproveitadores de povos.»

(De um discurso pronunciado. no salão de festas do jornal *La Prensa*, de Buenos Ayres, por occasião do centenario da Independencia da Brasil)

DR. ALBERTO D'OLIVEIRA
Ministro de Portugal na Argentina

❦ ❦ ❦

«Mais do que nunca, com o braseiro faulhante que é a Europa e com o alongar das ambições incontidas do Japão e dos Estados-Unidos, o ilhote contituido pela raça lusitana, na sua dupla face portugueza e brasilica, se acha envolto de ameaças sinistras. Ainda aqui se nos impõe com clara lição a necessidade da aproximação das duas familias hispanicas, ramificadas por mais d'um continente e dotadas d'um poder espansivo, difficil de se egualar. De sorte que, nas necessidades da nossa esfera, — defesa de Portugal e do Brasil — se apresenta uma das mais fortes justificação da constituiçãò do grande blóco hispano-americano.

(*A Aliança Peninsular*, Pag. 325.)

De resto, Portugal, com a sua natural inclinação para o Brasil, unicamente se libertará do marasmo suicida em que adormeceu, atirando-se de alma e coração para a politica entrevista por el-rei D. João IV. Conhecem-se as declações do tão caluniado fundador da dinastia de Bragança. Na sua audiencia celebre ao *chevalier* de laut confessava o monarca que «se possuise só o Brasil com o reino de Angola, as praças de Africa, os Açôres e Cabo-Verde, e, juntos estes Estados com Portugal, não trocaria a sua condição pela de nenhum outro principe da Europa.» Ora aqui se nos apresenta com uma nitida visão o caminho de Portugal-Maior! Adicionam-se agora as afinidades de toda a especie que nos aconselham a aliança com a Espanha, e, resultantemente, com as patrias hispano-americanos, a quem ella deu o ser.

E' um blóco politico formidavel, a quem inspiram, não motivos de ambição ou cupidez imperialista, mas os dictames de propria e commum vitalidade.»

(A *Aliança Peninsular*, 1924; pag. 403).

DR. ANTONIO SARDINHA †

❦ ❦ ❦

«Perante esta aspera luta de egoismos, de ambições e de interesses em que se debatem as nações da Europa, convem observar o que fazemos nós, portugueses e espanhoes, que, não podendo deixar de soffrer as temerosas repercussões da contenda, precisamos de reagir e podemos fazel-o com exito, se conseguirmos esse entendimento que nos leve a uma aproximação effectiva, em bases duradouras, com as republicas latinas da America do Sul. Infelizmente, porem, nós hoje quasi nos desconhecemos, apezar de visinhos e apezar de nos termos encontrado outr'ora, quasi sempre lado a lado, nos empreendimentos que exigiram mais audacia, mais heroismos, mais obrigações. Na aurora das nossas nacionalidades, quantas vezes o poderoso inimigo commum encontrou uma colaboração estreita entre portugueses e espanhoes?»

. . . .

«Tive ocacião de verificar do lado de lá do Atlantico o intenso desejo de uma aproximação ibero-americana, não sò pela identidade de raça, de lingua e de costumes, mas porque vastos nucleos de emigrantes portugueses e espanhoes que, com a sua actividade e intiligencia, tanto teem contribuido para o progresso das republicas sul-americanas e se teem esforçado com um patriotismo inexcedivel para converter em realidade fecunda umr nobre aspiração que não pode deixar de encontrar eco entre nós.»

(De uma conferencia, feita em Coimbra, em junho de 1924, sobre *Politica internacional e nacionalismos economicos)*.

DR. FRANCISCO ANTONIO CORREIA

Director do «Instituto Superior de Comercio, de Lisboa, e antigo ministro dos negocios estrangeiros.

O BRISTOL CLUB MANIFESTAÇÃO DE ARTE MODERNA

QUANDO aparecerá o romancista da vida nocturna de Lisboa? Quando se resolverão os nossos escritores a estudar essa vida tão caracteristica dos nossos clubs? E a verdade é que Lisboa possui, nos clubs, uma especie de casas de diversão nitidamente originai. Todos os extrangeiros que veem a Lisboa fazem esse reparo e fazem-no com elogio para nós.

E não pensem, aqueles que os não conhecem, que os clubs são, apenas, logares dum prazer banal. Nem o prazer dos «dancings» é essa banalidade, nem a eles falta a belesa puramente artistica. Refiro-me, é claro, aos «dancings, que sejam, como o Bristol Club, a realisação estetica dum sonho arrojado. Não vai nisto a menor intenção de reclame, mas confessamos que nos deixa indiferentes tudo quanto quizerem supor sobre estas palavras. Toda a critica é interesseira porque toda ela deseja fazer o elogio ou denegrir seja o que fôr. Ora esta critica é interessada em louvar a casa que soube dar á arte moderna, e pela primeira vez em Portugal, um logar exclusivo e completo. Devia-mos nós, artistas modernos, deixar de fazer esse louvor por essa casa ser uma casa de prazer, por essa casa ser um club?

E' preciso que se saiba que as casas de prazer como o Bristol Club são, por si sós, um meio de arte para aqueles que amam na vida moderna a expressão ritmica, sonora e colorida duma estetica nova. Pois esse espectaculo das danças modernas, esse ruido modernistico do «jazz-band», esse espujar sempre nôvo do «champagne», esse «décor» feerico de luzes tudo isso não é a realização fugidia daquilo que buscamos eternisar nos nossos quadros ou nas paginas das nossas novelas e nas scenas do nosso teatro? E' já um logar comum do moderdismo dizer que o «music-hall» é o nosso espectaculo preferido. Pois bem: um club como o Bristol não faz senão juntar ao «music-hall», com os seus bailados e as suas canções, os prazeres do «dancing», da mesa e da conversa. Um club assim é um «music-hall» em que todos nós tomamos parte, aumentando, assim, o nosso prazer.

E tudo isto se passa num ambiente da mais pura arte moderna, em salas que são verdadeiras exposições. Podemos afirmar que, quando estiver pronto, o Bristol Club será um «cercle» tão belo como os das grandes cidades da Europa. Mas mesmo assim como está, ele lá mereceu dum iluste escritor francês, que é um grande europeu, a designação de «grand cercle». Falo de Valéry Larbaud, o criador admiravel de «A. O. Barnabooth», que, referindo-se ao banquete que lhe foi oferecido pelos novos, diz, na brilhante revista de Paris, «Le Navire d'argent». «Il eut lieu dans la salle des fêtes d'un grand cercle, le Bristol Club, dont l'ameublemente, la décoration, les fresques, forment un ensemble tout à fait moderne, je dirais même d'extrême avant-garde».

O que foi esse banquete, o melhor que se tem organisado em Lisboa e tão bom como os que se fazem em Madrid e em Paris, no dizer do nosso hospede e grande escritor espanhol Ramón Gómez de la Serna; o que foi esse banquete descreve-o Valéry Larbaud, entusiasticamente, numa «Lettre de Lisbonne». Mas se esse banquete foi possivel, a Mario Ribeiro se deve. E não extranhem ver aqui citado o nome do proprietário de club que soube ser, além disso, um verdadeiro «animateur» das artes modernas, um Macenas como nós precisava-mos de ter muitos.

E' preciso que nós, os novos, tenhamos a coragem de dizer que esse homem é mais do que uma inteligencia pratica: um verdadeiro artista. Rendamos, orgulhosamente, a nossa homenagem ao homem de acção que se soube rodiar de arquitetos como Carlos Ramos, de escultores como Ernesto do Canto e Leopoldo de Almeida, de pintores como Antonio, Soares, Eduardo Viana, José de Almada Negreiros e Guilherme Filipe, isto é, de alguns dos maiores artistas da nova geração. Anunciemos (anunciemos sim) que todos os artistas e mesmo todos os escritores modernos encontram naquela casa a sua casa. Casa dos artistas, assim, devemos nós chamar ao Bristol Club.

CONTEMPORANEA

REVISTA MENSAL

MAIO-1926

Director: JOSÉ PACHECO

Editor: GIL VAZ

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
T. do Fala-Só, 24 — LISBOA
TELEFONE N. 3110

(Toda a colaboração é solicitada pela CONTEMPORANEA)

3.ª SÉRIE

N.º 1

SUMARIO